

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG**

**CENTRO DE HUMANIDADES-CH**

**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA-UAH**

**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**CLÉBIA GENEVA LUCENA DE ARAÚJO**

**ENTRE PROGRAMAS: CRIANDO ESPAÇOS E SOCIABILIDADES. ESTÁ NO  
AR, O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES “A VOZ DE POCINHOS”**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**MAIO/ 2013**

**CLÉBIA GENEVA LUCENA DE ARAÚJO**

**ENTRE PROGRAMAS: CRIANDO ESPAÇOS E SOCIABILIDADES. ESTÁ NO  
AR, O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES “A VOZ DE POCINHOS”**

Monografia apresentada como exigência do curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

Campina Grande-PB

2013



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

**CLÉBIA GENEVA LUCENA DE ARAÚJO**

**ENTRE PROGRAMAS: CRIANDO ESPAÇOS E SOCIABILIDADES. ESTÁ NO  
AR, O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES “A VOZ DE POCINHOS”**

Monografia apresentada como exigência do curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em História.

**Comissão Examinadora**

---

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (Orientador)

---

Prof. Dra. Eronildes Câmara de Araújo (Examinadora)

---

Prof. Dra. Regina Celli Gomes Nascimento (Examinadora)

Monografia aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/2013

Campina Grande – PB

2013

À Deus, que com todo o seu Amor e Carinho,  
guiou-me até esta vitória e a meus pais  
Cleodomilson e Geralda, razão do meu viver!  
Por serem responsáveis por tudo o que hoje sou,  
por me mostrarem que a maior riqueza que  
temos na vida é o saber. É para vocês a  
realização deste sonho.

## AGRADECIMENTOS

Obrigada Deus, hoje é o que venho te dizer, pois não encontro outras palavras em meu ser. Obrigada por tudo e em tudo, teres me conduzido pela mão e apontado o caminho que deveria se trilhado, desde a opção por deste curso no vestibular 2006, até a escolha do tema desta monografia. Obrigada pelos pequenos e belos detalhes, por cada coisa que me deste e por cada coisa que negaste, sei que tudo passou pela Sua permissão. Tu és Pai Amado, o amigo fiel, o consolo na tribulação e aquele a quem ofereço em primeiro lugar, esta vitória. Tudo o que faço é para Ti e se me deste esta missão de educar que o faça sempre da melhor forma, para que aqueles com os quais eu possa conviver vejam a Tua presença em mim.

Aos meus pais Cleodomilson e Geralda, pelo dom da vida. Obrigada pela a educação e valores que todos os dias são transmitidos. A minha mãe pelo apoio, amizade e amor que teve comigo durante todas as fases da minha vida e principalmente durante esse curso. Nunca esquecerei o esforço que sempre fez para que eu pudesse estudar, deixando muitas vezes de pagar algo ou de comprar alguma coisa para si, para que eu pudesse fazer a inscrição do vestibular e durante o curso para puder ter o material de estudo, quando ainda não trabalhava. Não posso esquecer de agradecer, ao senhor painho, pelo zelo que sempre teve em cobrir os meus livros didáticos, mostrando-me o cuidado que deveria ter com os mesmos, obrigada pelo café quentinho e pelo pão bem cedinho na mesa que me alimentou antes de sair para pegar o ônibus, quando tinha aula pela manhã na UFCG. Se não acordasse de madrugada, como nós dizemos, não teria como eu ter este café. Se hoje estou concluindo esta fase da minha vida, foi graças a vocês dois. Muito obrigada por tudo. Amo muito vocês.

Aos meus irmãos Ana Paula (in memoriam), Priscila e Junior e a minha irmã de coração Luana. A Paula, que tão cedo se foi, mas que sempre permaneceu na nossa memória dedico a você também minha irmã este sonho e sei que daí do céu, olhas por todos nós aqui na Terra. Ao meu “tijolinho” Priscila, tijolinho porque me ajuda a crescer, incentivando-me e apoiando-me em todos os momentos da minha vida, mostrando que sempre posso ir além. Minha irmã companheira e amiga, que Deus te abençoe e guie te dando sempre aquilo que for mais bonito na sua vida, amo muito você minha irmãzinha! Junior, o caçula dos irmãos, que nos momentos de apuros me socorreu, deixando o computador todo formatado para que eu pudesse escrever este trabalho, mesmo que para isso eu tivesse que pedir muito! Mas se não fosse por você não teria como ter ele sempre

em ordem. Fica aqui o meu agradecimento. Luana, a minha irmã postiça, que eu morria de ciúmes por causa de Priscila, mas que com o tempo, eu vi que cada uma é diferente e que no coração de “tijolinho” tem lugar para as duas. Luana, além do seu carinho de irmã, nos deu uma sobrinha linda a Thuanny que quando vem a nossa casa, atrás alegria e deixa saudades quando vai embora.

Durante estes anos de curso, muitas foram as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação, desde já peço desculpas se não mencionar o nome de algumas aqui por não recordar no momento. Deixo aqui registrada a minha gratidão e meu carinho.

Felicidade só é completa quando pode ser partilhada, e hoje divido esta conquista com aqueles que fazem parte da minha vida como Mário, o meu cunhado Danilo e a minha afilhada Isabella. A você Mário pelo carinho e atenção que sempre teve para comigo, mostrando-se sempre prestativo nos momentos em que precisei. Danilo, que quando não vem no final de semana, para namorar a minha irmã, deixa a casa triste. E a minha princesa Isabella que diz que quando crescer quer ser professora como madrinha. Vocês cada um a seu modo, incentivaram-me a chegar até aqui, fazendo-me esquecer um pouco das adversidades da vida, ao trazer alegria para a minha vida! Amo muito vocês!

Agradeço ao meu orientador Iranilson Buriti de Oliveira, que além de um professor foi um amigo, ensinando-me com o seu exemplo de mestre, que na vida existem momentos em que é preciso dizer não e que há momentos que é preciso dizer sim e que um não, deve ser encarado como “espere mais um pouco”. O senhor professor, deixou em mim mais que ensinamentos sobre a História, mas principalmente como devemos respeitar e ouvir os nossos alunos. Obrigada pelas vezes que acreditou em mim, mostrando o melhor que eu poderia ser. Fica registrada aqui a minha admiração e respeito pela pessoa e profissional que é. E desculpe-me pelas vezes que o incomodei durante o processo de construção deste trabalho.

As professoras Eronildes Câmara de Araújo e Regina Celli Gomes Nascimento, pelos ensinamentos e amor que foram transmitidos nas aulas deste último semestre, tendo sempre paciência, diante das minhas limitações. Obrigada por terem aceito o meu convite para examinarem este trabalho. Aos mestres da UAH, e de outros departamentos da UFCG, que contribuíram para a minha formação profissional, as lições aprendidas dentro das salas de aulas, serão levadas para vida. A todos vocês, a minha eterna gratidão.

Agradeço a Deus pelas amizades que ele colocou no meu caminho, ajudando-me quando foi preciso, a suportar os contratemplos do curso e da vida. Amizades, que espero

durar para toda a vida e que a distancia não seja empecilho para que ela acabe. A minha irmã de todas as horas Adriana Reis que com todo seu amor, esteve ao meu lado durante esse curso e que nos primeiros dias de aula, causou uma revolução ao dizer que a camisa da turma 2006.2 deveria ser verde bandeira! Momentos vividos, guardados na alma e selada no dia em que me convidou para ser sua madrinha de casamento, permitido-me participar da sua felicidade. Amo muito você coração e bem que você poderia morar aqui do lado da minha casa, para a gente não se desgrudar nunca!

Elayne e Eveline, obrigada pelos sorrisos partilhados, pelos desabafos e principalmente pelo apoio quando foi preciso. Elayne, exemplo de mulher guerreira e determinada, nesta fase final, você foi a minha maior motivação para que eu concluísse o curso junto com você e Eveline, obrigada por não ter desistido de mim e por sempre se mostrar preocupada. Nesta fase, de produção quando estamos sozinhas é muito bom ter com quem partilhar tudo isso. Obrigada minhas queridas por tudo!

As pessoas que com tanta atenção e carinho que me cederam algumas horas dos seus dias para que fossem feitas as entrevistas, principalmente a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha, que foram essenciais para a realização deste trabalho e por aquelas que me disponibilizaram o seu acervo fotográfico como a senhora Adriana Souto da Silva, sou muito agradecida por isto.

A vida encerra mais um ciclo, é preciso dizer adeus às pessoas com as quais convivemos esta fase tão importante da vida. Mas não é um adeus de tristeza, mais de alegria e de orgulho por ter conseguido vencer este desafio. Que possam vir outros ciclos, outras etapas... Na certeza que em todos os momentos Deus estará presente. A todos que contribuíram para que hoje eu esteja concluindo esta fase, o meu muito obrigada!

## **ENTRE PROGRAMAS: CRIANDO ESPAÇOS E SOCIABILIDADES. ESTÁ NO AR, O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES “A VOZ DE POCINHOS”**

### **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é analisar e discutir a produção cultural do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” desde a sua fundação na década de 1950 até o final da década de 1980. Para isto, analisamos a programação musical e informativa, como também os eventos que foram organizados e aqueles que contaram com a participação deste meio de comunicação da cidade de Pocinhos-PB. Para realizarmos este trabalho, nos pautamos em registros de memórias e em outras fontes como algumas fotografias que correspondem ao período estudado.

**Palavras-chave:** Serviço de alto-falantes, produção cultural, Pocinhos.

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to analyze and discuss cultural production of the high service speaker “The Pocinhos’ Voice”, since its founding in the 1950s by the end of the 1980s. For this, we analyzed the musical and informative programming as well as those who had with the participation of this communication vehicle of Pocinhos’ city. To accomplish this work, we guided by the memory registers and others sources such as photos that correspond to period studied.

**Keywords:** Service-speakers, cultural production, Pocinhos.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I: O Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” .....	18
1.1- “Uma cidade sem difusora, a gente não sabe de nada”: Apresentação e utilização do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. .....	18
1.2- Entretenimento e cultura: A programação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” .....	23
CAPÍTULO II - A difusão de espaços de sociabilidades com o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” .....	36
2.1 – “Não havia igual, em glamour, esbanjamento e brilho, outra, que não fosse a esperada o ano inteiro: A Festa da Padroeira.” – A Festa de Nossa Senhora da Conceição: devoção e diversão .....	37
2.2- As festas juninas na cidade de Pocinhos.....	41
2.3- Carnavais e Desfiles da Miss Pocinhos: Divertimento, tradição e glamour, atuação da “Voz de Pocinhos” em eventos que marcaram a vida social pocinhense	50
2.4- Miss Pocinhos: glamour e brilho na escolha da mais bela pocinhense ...	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	56
FONTES .....	58
REFERÊNCIAS .....	60

## INTRODUÇÃO

Antes do rádio tornar-se um dos meios de comunicação de massa, e que viria fazer mudanças no cotidiano das pessoas, existiram em algumas cidades, serviços de alto-falantes que além de trazer comunicação, ofereciam divertimento e lazer para os seus habitantes. Em Campina Grande-PB, antes mesmo que ocorresse a chegada do rádio, já funcionavam os serviços de alto-falantes que eram uma amostra do que este tipo de comunicação faria naquela cidade com a chegada do rádio em 1949<sup>1</sup>. Contudo, assim como a cidade a qual pertencia em 1951<sup>2</sup> Pocinhos, pôde contar com um serviço de alto-falantes, chamado “A Voz de Pocinhos”, que ao longo de décadas “ao servir à coletividade com músicas, notícias e as mais variadas informações”<sup>3</sup> ofereceu aos habitantes desta cidade a oportunidade de estarem em “frequência” com tudo o que poderia estar acontecendo tanto no município como fora dele.

O Serviço<sup>4</sup> de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, foi o meio de comunicação que veio modificar o cotidiano dos pocinhenses. E desse modo pode ser considerado como o principal meio de comunicação de massa local, contudo, é importante ressaltarmos que havia outras formas de comunicação na cidade, como a troca de correspondências, ouviam-se também algumas rádios que no período já funcionavam em Campina Grande e em Recife entre outros.

A escolha por este objeto de estudo surgiu em meio a uma conversa informal com o meu pai e uma tia, quando estes recordavam a época em que eram adolescentes. Durante a conversa, por várias vezes citaram o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, como personagem principal das suas narrativas, fossem pelos filmes que eram anunciados por este Serviço e que no domingo podiam-se assistir no cinema da cidade, chamado Cine São José, pelos shows de calouros, ou até pelos passeios que

---

<sup>1</sup>Sobre a chegada do rádio em Campina Grande- PB ver: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. (org.). **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande/** Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Flavianny Guimarães de Oliveira e Goretti Maria Sampaio de Freitas. - EDUFCG/EDUEP; Campina Grande, 2006.

<sup>2</sup>Na época da criação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, Pocinhos era distrito de Campina Grande-PB, e só veio conquistar a sua Emancipação em 10 de dezembro de 1953, sendo divulgada esta notícia pelo o então Serviço estudado.

<sup>3</sup>Utilizamos aqui umas das falas da esposa do fundador do Serviço, a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha, popularmente conhecida como “Dona Neves”, sempre que coloca o Serviço no ar diz o nome do Serviço e diz: “Servindo à coletividade com músicas, notícias e as mais variadas informações” transformou-se no slogan do Serviço.

<sup>4</sup>A utilização da palavra serviço, escrita com inicial maiúscula será usada todas as vezes que estivermos nos referindo à difusora então estudada.

Utilizamos a História Oral juntamente com o cruzamento de outras fontes como as fotografias que conseguimos ter acesso por meio de alguns moradores da cidade de Pocinhos, sendo estas as bases para a construção deste trabalho.

Com isto, durante o processo de construção da história, esta por vezes, adquire novas versões, à medida que vai se descobrindo novas pistas que remetem ao fato. Em nosso trabalho, foi isto o que aconteceu à medida que foram sendo realizadas as entrevistas. A cada informação que era adicionada, nós íamos conseguindo estruturar este trabalho, por este fator concordamos quando, o historiador Antonio Torres Montenegro afirma que: “A história enquanto representação do real se refaz, se reformula, a partir de novas perguntas realizadas pelo historiador ou mesmo da descoberta de outros documentos e fontes.” (MONTENEGRO, 1992,p.19)<sup>10</sup>

O trabalho desenvolvido pelo Serviço de alto falantes “A Voz de Pocinhos”, nos anos em que estamos analisando era visto pelos moradores da cidade como sendo uma novidade, mesmo já existindo a presença de rádios na localidade, fosse pela programação ou pelos eventos que eram organizados pelos proprietários, havia sempre um desejo de participar de alguma forma. Podemos perceber isto através da fala de um dos entrevistados, como nos disse o senhor Gilvan:

(...) Então quando ligava “A Voz de Pocinhos” o povo tinha mais prazer em ouvir, porque não tinha outro meio de comunicação para tá ouvindo música e ouvindo notícia, essas coisa. Então quando ligava o pessoal se aproximava, outros vinha pedir música era assim, sempre que encontrava na rua pedir para mandar um recado. (...) <sup>11</sup>

Para analisarmos a relação entre memória e história, recorreremos à concepção de memória de Halbwachs (2003) onde o mesmo se baseia na ideia que a memória era formada através de laços sociais que existiam entre indivíduos e que os quadros sociais que constituíam a memória eram a combinação das lembranças individuais de vários membros de uma mesma sociedade<sup>12</sup>. Segundo este autor “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, que muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo.

<sup>10</sup>MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**/ Antonio Torres Montenegro. – São Paulo: Contexto, 1992.

<sup>11</sup>Entrevista concedida à autora no dia 09/08/2011, o entrevistado é o Senhor. Gilvan José da Silva, de 47 anos, que realizava trabalhos esporádicos como locutor na década de 1980, no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

<sup>12</sup>Para mais informações sobre memória ver: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**/ Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.

Contudo, na busca pelos depoimentos daqueles que em suas falas, remetiam ao passado que tinham vivenciado junto ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, procuramos perceber que cada entrevistado buscou recuperar aquilo que foi mais significativo nas suas memórias, na época em que esteve mais próximo do Serviço, fosse através de um programa ou de algum evento que tenha ocorrido na cidade e que foi divulgado pela “A Voz de Pocinhos”, cada qual, conforme o lugar que ocupava na cidade, buscou descrever as emoções e sensações vividas. Por fim, concordamos com Halbwachs (2003), quando este percebe a importância dos indivíduos, porém, sua relevância advém do grupo, da união de suas lembranças na formação da memória coletiva.

Para analisarmos o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” enquanto espaço de informação e entretenimento na cidade, utilizamos o conceito de espaço desenvolvido por Certeau (2012), na perspectiva em que o autor defende que um espaço é um lugar praticado. Sob as concepções deste podemos perceber que um “lugar” só se torna “espaço” na medida em que os indivíduos o colocam em movimento por meio do seu uso, e assim o colocam em destaque. Sendo isto o que aconteceu com o Serviço de alto-falantes, conforme os ouvintes o utilizavam, mais este colocava-se em destaque na comunidade.

Neste trabalho, também utilizamos o conceito de representação de Chartier (1990), Sobre este conceito ele aponta duas concepções, a primeira seria direcionada a algo ausente e a segunda referente a algo presente, assim para as representações que nossos entrevistados tecem em torno das memórias que circundam “A Voz de Pocinhos”<sup>13</sup>, podemos perceber que:

(...) A representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver o objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é. (...) (CHARTIER, 1990, p.20)<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup>A “Voz de Pocinhos” mesmo ainda existindo na cidade, foi representada pelos nossos entrevistados como algo ausente, talvez por ter sofrido alterações e não possuir mais tanto destaque na vida cultural e social da cidade.

<sup>14</sup>CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. p. 20.

Quanto à metodologia adotada para com as fontes que nos auxiliaram na construção desta pesquisa (fontes orais e visuais), utilizamos as considerações de Meihy (2005), Montenegro (1992), Pinsky (2010) e Freitas (2006).

Para podermos compreender o papel desempenhado pelo Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, e a sua função como um meio de comunicação, recorreremos aos apontamentos teóricos de Asa Briggs e Peter Burke (2004), em que estes autores apresentam uma análise dos meios de comunicação, destacando os contextos sociais e culturais em que surgiram e se desenvolveram, além de apontar e traçar a história das diferentes mídias bem como as linguagens que elas criaram para a civilização ocidental, conhecimentos fundamentais para a composição deste trabalho.

Para estes autores, os meios de comunicação agem como sendo um caminho, mais ajudando do que sendo a própria origem das mudanças.<sup>15</sup> A partir disto, podemos pensar o caso da cidade de Pocinhos, em que “A Voz de Pocinhos”, atuou como sendo um agente que contribuiu e não sendo somente ele a causa, o responsável, pelas mudanças ocorridas em Pocinhos ao longo dos anos.

Sobre a trajetória do rádio no Brasil, e assim as suas experiências em diversas cidades, como foi o caso da cidade do Rio de Janeiro, buscamos estabelecer o diálogo com a coletânea organizada por Fernando Novais (1998), em que vários autores reuniram seus escritos sobre as amplas transformações tecnológicas ocorridas na transição do século XIX para o século XX. Os capítulos foram organizados como forma de mostrar os hábitos e costumes que surgiram com as chegadas destas transformações.

Em termos locais, e mais próximos do nosso objeto de estudo, consideramos de grande importância o estudo organizado por Souza (2006), para nosso trabalho, por ser tratar de uma análise sobre o rádio em Campina Grande, por podermos assim conhecer, o modo pelo qual ocorreu a chegada desse aparelho nesta cidade, que alterou em vários fatores o cotidiano dos moradores daquele local. E por na época (1951), Pocinhos ser distrito de Campina Grande, foi natural que houvesse uma “reprodução” dos programas e eventos que eram realizados pelas rádios da então cidade, só que em proporções menores, pelo Serviço de alto-falantes para assim levar alegria e divertimentos aos moradores do distrito.

---

<sup>15</sup>Sobre isto, utilizamos os apontamentos de BRIGGS, Asa, 1921- **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet/** Asa Briggs e Peter Burke; tradução: Maria Carmelita Pádua Dias; Revisão técnica: Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 33.

Após fazermos estas observações, se faz pertinente uma breve apresentação, sobre os dois capítulos que compõem este trabalho.

No primeiro capítulo, apresentamos ao nosso leitor a programação musical e informativa que existiu no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” desde a sua fundação no ano de 1951 até o final da década de 1980, para analisarmos as formas pelas quais a população se apropriou deste Serviço, fosse utilizando para avisos diversos, para reprodução de músicas ou até mesmo para flertar. A principal fonte utilizada para estabelecermos este estudo, foram os depoimentos colhidos nas entrevistas. Entretanto, buscamos cruzar estes depoimentos com algumas imagens quando isto se fez possível.

No segundo capítulo, buscamos discutir como a presença da “Voz de Pocinhos” fundou alguns eventos, bem como difundiu a existência de outros divertimentos na cidade e assim pôde contribuir para que espaços de sociabilidade e lazer fosse construídos, como foi o caso do Pocinhos Clube que teve como primeiro presidente o senhor Hermes de Oliveira Rocha que era proprietário da “Voz de Pocinhos”. Para a construção deste capítulo, nos pautamos nos relatos orais que foram conseguidos através da fonte oral, associados a algumas fotografias.

Ao término deste trabalho esperamos ter atingido os objetivos que foram estabelecidos. Contudo, como falamos este objeto de estudo, traz em si uma história de mais de 60 anos de existência,<sup>16</sup> podendo assim oferecer inúmeras possibilidades de estudos, por entendermos que existam outros aspectos que podem ser explorados e que não foram contemplados neste trabalho, por outros historiadores ou pesquisadores de outras áreas que, em algum momento, desejem tê-lo como um objeto de estudo.

---

<sup>16</sup>Mas, que neste trabalho estaremos estudando a recorte histórico que inicia-se em 1950 até o final da década de 1980, no caso 40 anos.

## CAPÍTULO I

### O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES “A VOZ DE POCINHOS”

#### 1.1-“Uma cidade sem difusora, a gente não sabe de nada.”<sup>17</sup>: Apresentação e utilização do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

Localizada no Planalto da Borborema do Estado da Paraíba, a cidade de Pocinhos, possui uma população de 17.032 habitantes<sup>18</sup>. Como uma cidade do interior, apresenta costumes típicos, como sentar-se nas calçadas a noite para conversar com os vizinhos. Para aqueles que a visitam, oferece alguns indícios que ajudam a contar um pouco da sua história, já que não é muito comum em nossos dias, em que ocorrem diversas formas de comunicação sejam elas por meio da internet, da televisão e do rádio, se depararem no centro da cidade com um Serviço de alto-falantes<sup>19</sup>, que saúda os seus visitantes com músicas e avisos de utilidades pública.

No mínimo uma situação atraente, para aquelas pessoas que já ouviram falar muito de tais serviços que tiveram seu auge na segunda metade do século XX, mas que hoje tornaram-se escassos e alguns já não funcionam mais e que ao chegarem à cidade de Pocinhos, podem ainda ter contato com tal forma de comunicação que se constitui como um elemento cultural para a cidade. Podemos perceber isto por meio do trecho a seguir em que o senhor João Evangelista Guimarães<sup>20</sup> nos descreve:

(...) É teve um dia que eu tava na minha lojinha, que chegou uma pessoa elogiando, um vendedor “mais rapaz, onde é isso? Ai eu disse que era a difusora que estava ligada e eu disse muita música daquele tempo né, toca. “Mais rapaz que coisa tão bonita é essa aqui” elogiando “A Voz de Pocinhos”, e eu disse: é rapaz, a nossa Voz!<sup>21</sup>

<sup>17</sup>Frase pronunciada pela senhora Maria de Lurdes Araújo Santos, 63 anos, moradora da cidade em entrevista a TV Correio no dia 05/08/2011 para o programa Correio Espetacular em reportagem sobre os 60 anos de fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

<sup>18</sup>Dados disponíveis em <http://www.ibge.gov.br/>, acesso em: 12/02/2013.

<sup>19</sup>O alto-falante é um tipo de transmissão local de curto alcance. O sistema é geralmente usado em praças, mercados, paróquias, locais comunitários, onde haja fluxo de pessoas. Os alto-falantes podem ser fixos e móveis, sendo assim, constitui um meio de comunicação de fácil manejo para pessoas não especializadas. Os alto-falantes, não precisam de receptores, pois só ampliam os sons o que difere da radiofusão que precisa dos mesmos para que a mensagem possa ser transmitida aos ouvintes. No caso da “Voz de Pocinhos” os alto-falantes ficam fixos em alguns postes e prédios da cidade.

<sup>20</sup>Para citarmos os nomes dos entrevistados neste trabalho, solicitamos por meio de uma carta de cessão de direitos, a autorização para identificarmos os mesmos.

<sup>21</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011. O senhor João Evangelista Guimarães tem 52 anos, é aposentado e na década de 1980 foi locutor no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

Podemos acompanhar através do depoimento do entrevistado, que sendo ele comerciante, é comum muitas pessoas passarem por seu estabelecimento que também se localiza no centro da cidade. Um vendedor que veio à cidade, chega em um desses dias em que o Serviço estava funcionando, alegrando o cotidiano da cidade com músicas de época, que certamente despertaram a atenção deste visitante, que elogiou o Serviço, o que por sua vez, gerou um sentimento de identidade ao morador que complementa o elogio dizendo “é rapaz, a nossa Voz!”, mostrando que a existência da “Voz de Pocinhos”, representa mais que um simples meio de comunicação para a cidade.

Contudo, antes de conhecermos a programação, os eventos sociais e as formas de utilização do Serviço pela comunidade, entre a década de 1950 e o final da década de 1980, se faz importante apresentarmos um pouco da história do seu surgimento, para assim compreendermos como foram construídas as representações da população para com o Serviço. Tendo este contribuído para o desenvolvimento cultural e social da cidade.

O Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, foi fundado em 10 de outubro de 1951, quando Pocinhos era ainda um distrito da cidade de Campina Grande. Com recursos próprios, o senhor Hermes de Oliveira Rocha adquiriu os equipamentos necessários para colocar no ar o Serviço de alto-falantes. Por ser uma pessoa apaixonada por músicas e pelos artistas que na época faziam muito sucesso, como Luiz Gonzaga e Teixeirinha e ainda por incentivo e influência de um irmão que residia em Campina Grande. Ao ver o sucesso dos serviços de alto-falantes e conseqüentemente dos programas das rádios campinenses, o motivou a colocar no ar “A Voz de Pocinhos”.

No entanto, não podemos considerar que só porque gostava destes estilos musicais, ele teria fundado o Serviço. Ao ser o proprietário do Serviço, mesmo em dimensões pequenas como era o distrito na época, este logo ganhara destaque no local (já sendo bastante conhecido no distrito devido a sua profissão de alfaiate e por ser músico da Filarmônica São José), “A Voz de Pocinhos” só reafirmava a sua posição de destaque, o que mais a frente teria contribuído indiretamente para que a família conquistasse alguns objetivos políticos.

Sobre a escolha do nome para o Serviço de alto-falantes, a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha nos disse como se deu a escolha do nome da difusora que, por meio de muitas sugestões, teriam “optado” pela “A Voz de Pocinhos” vejamos:

“(...) E haja a gente procurar um nome pra botar na difusora. Eu sei que deram tantas sugestões, ai até que ficou “A Voz de Pocinhos”.<sup>22</sup>

A escolha possivelmente não foi aleatória, Pocinhos, dos anos 1950 estava em consonância com o que ocorria em outros locais que já viviam as suas primeiras experiências radiofônicas, como acontecia na cidade Campina Grande-PB. As relações entre Campina Grande e Pocinhos podem ser percebidas claramente através do nome que será dado pelo o senhor Hermes de Oliveira Rocha ao Serviço, que fez uma alusão ao nome do serviço de alto-falantes A Voz de Campina Grande que foi implantada pelo senhor Hilton Mota em 1949, mas que pouco durou devido à chegada do rádio, neste mesmo ano na cidade. Assim, também toda a programação que vai ser implantada na difusora terá como modelo as programações que eram realizadas pelas rádios da cidade vizinha.

Inicialmente, o Serviço surgiu com a finalidade de animar o cotidiano da cidade com músicas e informações de utilidade pública, como achados e perdidos, divulgação dos horários das missas, entre outros. Entretanto, para poder utilizar o Serviço era preciso pagar. Ao ser influenciado pelo irmão a comprar os equipamentos e a trazer um meio de comunicação que pudesse transformar o cotidiano do então distrito de Pocinhos, o senhor Hermes de Oliveira Rocha estabelece uma forma de utilizar o novo equipamento em que pudesse ao mesmo tempo tocar as canções que tanto gostava e que agradavam aqueles que as ouviam, bem como arrecadar algum dinheiro para que, assim, pudessem ser pagas as prestações dos equipamentos que acabara de adquirir.

Por sua vez, para aqueles que não faziam o pedido musical, talvez por não possuírem recursos financeiros, mesmo não fazendo a escolha da música que gostariam de ouvir, estes poderiam ouvir qualquer canção, mesmo que não pagassem pela execução. Porque quando era colocado o disco na vitrola e o som ecoava pelos alto-falantes, ricos e pobres poderiam usufruir da mesma sintonia. A tais práticas Certeau (2012) vai chamar de “práticas cotidianas”, como podemos acompanhar no trecho a seguir: “(...) As táticas de consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas.” (CERTEAU, 2012, p. 44)<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 21/09/2011. A entrevistada foi esposa do fundador do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, tem 82 anos e é aposentada.

<sup>23</sup>CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; 18ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Como a cidade no ano de 1951 não possuía energia elétrica, havia uma iluminação à noite fornecida por um motor a diesel, sendo este fornecimento iniciado geralmente às 18:00 h até em torno das 24:00 h<sup>24</sup>, O Serviço de alto-falantes só funcionava à noite como nos disse o senhor Plínio Victor:

Até o início da década de 60 só tínhamos energia e conseqüentemente luz, à noite, quando começava a escurecer até... não sei mais precisar se até às 22:00 ou 24:00 h só tínhamos rádio à noite e, quase ninguém, só me lembro que na casa de Chico Grande, tinha passa-disco afora “A Voz de Pocinhos”, isso quando chegou a energia de Paulo Afonso, no início de 60. Até então, anos 50, o mundo era silencioso, não existia como hoje, música onipresente às 24 horas do dia. Música só no rádio à noite, ou quando “A Voz de Pocinhos” entrava no ar: “Está entrando no ar o Serviço de Alto-falante A Voz de Pocinhos”. (...) <sup>25</sup>

O nosso entrevistado expõe como era o funcionamento da “Voz de Pocinhos”, em que esta só funcionaria a noite devido o fornecimento da luz. No entanto, segundo a senhora Maria das Neves, isto teria durado pouco tempo, já que o seu esposo, o senhor Hermes Oliveira Rocha, teria adquirido um gerador para assim poder ligar o Serviço no horário que desejasse. No entanto, nas memórias do Senhor Plínio, ele faz referência que só se ouvia músicas à noite quando “A Voz de Pocinhos” entrava no ar, ele até reproduz a chamada que era utilizada pelos locutores da época, no caso o senhor Hermes e a senhora Maria das Neves em que anunciavam aos ouvintes que o Serviço estaria funcionando.<sup>26</sup> O entrevistado, ao reproduzir a chamada de abertura da programação, faz uma representação para tentar demonstrar o mais próximo possível, como se dava a reconstituição dos momentos em que o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” iniciava os seus trabalhos. Desse modo, ele faz aquilo que vai ser colocado por Chartier (1990), como uma representação de coisa ausente em que:

A representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o

<sup>24</sup>Nossos entrevistados não souberam precisar até que horas exatamente desligava-se o motor a diesel. A senhora Maria das Neves afirma ser em torno das 23:00 h (Entrevista realizada em 23/07/2011) e senhor Plínio Victor (Entrevista realizada no dia 22/03/2013) não soube precisar se isso ocorria entre às 22:00 ou 24:00 h. Sendo assim, estabelecemos uma média de que horário ocorria o desligamento.

<sup>25</sup>Entrevista concedida à autora no dia 22/03/2013. O senhor Plínio Victor tem 61 anos de idade, foi ouvinte do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Atualmente ele reside na cidade de Olinda-PE.

<sup>26</sup>É importante ressaltar que esta é a marca do Serviço na cidade, com o passar dos anos a esta frase: “Está entrando no ar o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” foi acrescentada a frase Servindo a coletividade. Sendo assim um slogan do Serviço de alto-falantes.

reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é. (...) (CHARTIER, 1990, p.20)<sup>27</sup>

Ao pensarmos na colocação desta fala do nosso entrevistado, mesmo não ouvindo mais a referida chamada com frequência<sup>28</sup>, mas da qual mantém uma lembrança viva, e com exatidão relembra como se davam estes momentos. Imaginamos como era a percepção daqueles, que diferente do senhor Plínio Victor, puderam ouvir com mais frequência, já que na década de 1970, ele foi residir em Olinda-PE. Esta chamada que era a marca registrada do Serviço, os moradores da cidade, certamente identificam na voz dos locutores expressões e posturas que soavam de diferentes modos para aqueles que recebiam a mensagem. Acompanhemos o que nos diz Halbwachs (2003), a respeito:

Ouvimos uma pessoa sem enxergá-la, só podemos pensar em sua voz. O que a voz faz pensar? Raramente nos reportaremos a modelos auditivos, como se o que nos interessasse principalmente fosse distinguir essas vozes segundo sua natureza e a ação que elas podem exercer sobre as orelhas de um público. (HALBWACHS, 2003, p.194)<sup>29</sup>

O Serviço funcionou durante a década de 1950 também durante o dia, mas não com horários determinados. Quando desejava o senhor Hermes ligava o Serviço e fazia anúncios e reproduzia canções. No entanto, o horário mais comum para o seu funcionamento era à noite, em que a população estava num ritmo mais tranquilo e assim podia apreciar as canções que estavam a tocar.

Assim, diante deste contexto, de como seria o cotidiano da cidade de Pocinhos, onde o mesmo considera como “silencioso” nos anos de 1950, silencioso na medida em que ele estabelece uma comparação com o ritmo que tomou conta da vida das cidades nos nossos dias em que se podem ouvir músicas de diferentes formas: pelo rádio (aparelho e estação) convencional, pela internet, pelos celulares e por tantas outras formas pelas quais a tecnologia e a eletrônica contribuíram para que a disseminação de canções pudessem ser facilmente ouvidas em qualquer hora ou lugar.

Por sua vez, não concordamos com o nosso entrevistado, quando afirma que o “mundo (cidade) era silencioso”, mesmo sendo uma cidade de pequeno porte, ao seu

<sup>27</sup>CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. 237p.

<sup>28</sup>Atualmente o entrevistado mora na cidade de Olinda-PE. E por isso não ouve com frequência a referida chamada do Serviço de alto-falantes.

<sup>29</sup>HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**/ Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.

modo tinha a sua movimentação, principalmente nos dias em que era realizada a feira geralmente nas quartas-feiras. Pocinhos, devido a sua localização próxima à cidade de Campina Grande<sup>30</sup>, podia estar em contato com muitos eventos e notícias que eram veiculadas nas rádios que existiam nesta cidade, bem como de outras rádios que estavam localizadas em outros municípios<sup>31</sup>. O senhor Plínio Victor diz que havia pessoas que tinham rádio na cidade, certamente pessoas que apresentavam uma boa condição financeira, já que na época o rádio era considerado um aparelho de luxo e vai se levar ainda algum tempo para que haja a popularização deste meio de comunicação, enquanto isto, para aqueles que não tinham condições financeiras para adquirir um aparelho, o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” veio suprir essa necessidade de comunicação para aqueles que não dispunham de recursos financeiros.

Sendo assim, nesta cidade o Serviço de alto-falantes veio ser aquilo que Renato Murce (1976) afirma o que rádio se tornou:

O jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado.<sup>32</sup> (MURCE, 1976, p.18)

Por meio da sua programação musical e informativa conseguiu transformar os espaços e propiciou momentos de lazer e sociabilidades entre os moradores da cidade de Pocinhos.

## 1.2- Entretenimento e cultura: A programação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”

Liga-se os aparelhos, seu Hermes testa os microfones, e diz: “Está no ar o Serviço de alto-falantes ‘A Voz de Pocinhos’ ”, enquanto isso no toca- disco está um LP e pelos alto-falantes, ecoa a voz de Luiz Gonzaga a cantar ‘Moreninha, Moreninha’:

*Moreninha, moreninha, lá no céu teu luar  
Lá no alto, uma casinha*

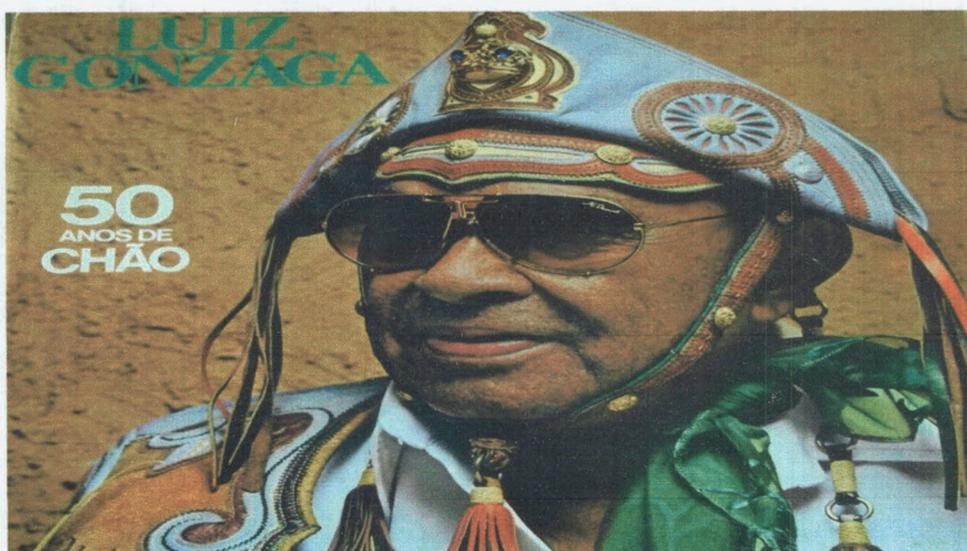
<sup>30</sup>Pocinhos está localizado a 30 km de Campina Grande. Informações disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 27/03/13.

<sup>31</sup>Como exemplo, podemos citar as rádios que existiam em Recife-PE.

<sup>32</sup>MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e hoje**. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1976, p. 18.

*E bem perto, eu tenho o mar  
 Morena, Morena, tenho o céu, a terra e o mar  
 Só falta o carinho  
 Que você não quer me dar!  
 Moreninha, moreninha, teu desprezo me maltrata  
 Seu olhar é minha vida  
 Seu olhar é que me mata  
 Morena, morena  
 Tome a terra o céu e o mar  
 Só quero o carinho que você não quer me dar!<sup>33</sup>*

Foi esta a primeira canção tocada no Serviço de alto-falantes, certamente foi escolhida, porque na época o cantor era bastante conhecido e por suas canções se aproximarem muito do cotidiano do distrito<sup>34</sup>.

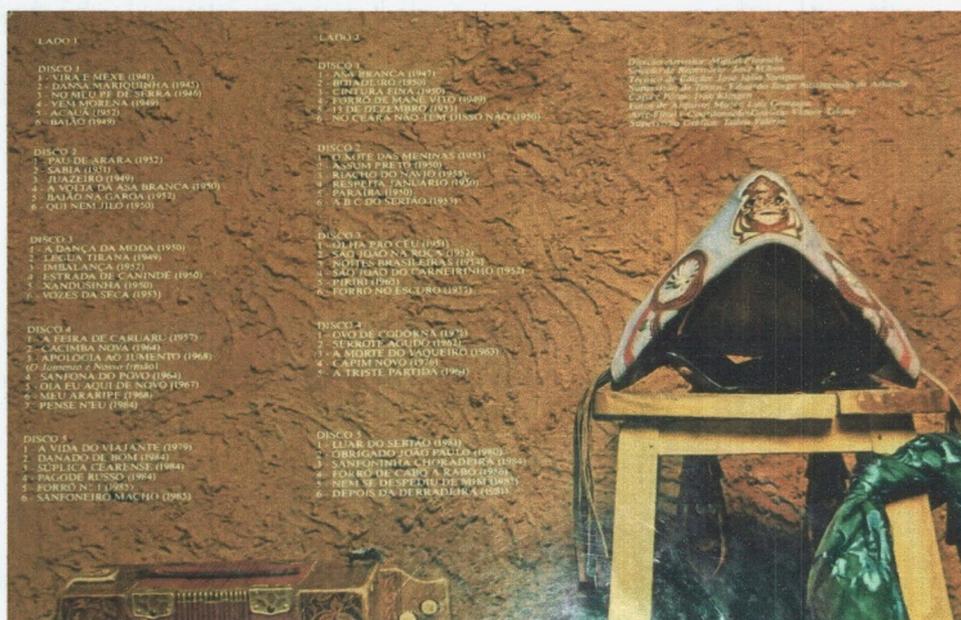


**Imagem 1- FRENTE - (Discografia do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”- Acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha)<sup>35</sup>**

<sup>33</sup> Letra de Hervé Cordovil e Luiz Gonzaga. Fonte: [www.letradamusica.net/luiz-gonzaga/moreninha-moreninha.html](http://www.letradamusica.net/luiz-gonzaga/moreninha-moreninha.html). Acesso em: 27/03/2013.

<sup>34</sup> É importante ressaltar que na época da inauguração do Serviço, Pocinhos era distrito da cidade de Campina Grande, e só em 1953 veio conquistar a sua emancipação política.

<sup>35</sup> Em entrevista no dia 01/03/2013, a senhora Maria das Neves, nos mostrou com muita alegria a coleção de discos que tem de Luiz Gonzaga, esta é a caixa onde ficam guardados os discos. E que segundo ela foi muito reproduzido no Serviço as canções desse artista. Entre todos os discos que eram tocados no Serviço, este era o seu predileto.



**Imagem 2- VERSO- Algumas das canções de Luiz Gonzaga que foram muito tocadas no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”<sup>36</sup>**

A programação nas décadas de 1950 e 1960 foi mais do tipo informativa, o senhor Hermes ligava a difusora e tocava canções, geralmente à noite. Entretanto, havia um dia em especial na semana em que o Serviço ficava ligado durante todo o dia, em que era realizada a feira e atraía muitas pessoas da zona rural, bem como de outros municípios que vinham à cidade comprar o que fosse necessário para o consumo durante a semana. Como neste dia, às quartas-feiras a cidade ficava mais movimentada, “A Voz de Pocinhos” era ligada para servir e animar a população. Vejamos o que nos disse os nossos entrevistados:

Era ligado dia de feira, ficava avisado, avisando ai as notícias, os anúncios, as músicas, o programa de oferta musical sempre na quarta feira fazia. Era na quarta o dia da feira, eu trabalhava ficava lá o dia todinho com eles, enquanto tivesse gente na rua a gente tava com a difusora ligada.<sup>37</sup>

Em 1951, A cidade não tinha nada não, não era calçado, não era cidade pertencia a Campina Grande, era distrito de Campina Grande. Aqui era a feira<sup>38</sup>. já que não tinha calçamento era tudo ai... Espalhado no chão. Eu

<sup>36</sup>Nesta coleção não se encontra a canção ‘Moreninha, Moreninha’ que foi a primeira canção a ser tocada no Serviço, fazia parte de outra coleção da senhora Maria das Neves que se perdeu em um incêndio no cômodo da sua residência onde ficava a sua discografia.

<sup>37</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 26/08/11. O entrevistado é o senhor Antônio Fernandes Andrade, 66 anos, é locutor do serviço de alto - falantes (desde a década de 1960) e é o único que permanece até os dias atuais.

<sup>38</sup>Neste momento a entrevistada aponta para a rua, no caso no centro da cidade onde era realizada a feira livre, como a entrevista foi realizada no Serviço de alto-falantes, que é localizado no centro de Pocinhos, quando ela usa o termo “aqui” porque a feira era realizada bem em frente ao Serviço.

ajudava ai no decorrer da feira, também ligava a difusora pra animar a feira sabe? Sim para oferecer músicas. (...) <sup>39</sup>

Entretanto, a programação realizada nos dias de feira, continuou a ser realizada mesmo depois da mudança do local da feira na década de 1960, saindo da praça central para um bairro mais afastado do centro. A feira ainda constituía-se um “evento” na cidade e a programação um atrativo para aqueles que circulavam pelas ruas de Pocinhos. Acompanhemos o que relata o senhor Plínio Victor nestes anos:

(...) Me lembro que ainda tinha uma programação no dia da feira, mesmo a feira não sendo mais na praça, nas quartas - feiras, já havia sido transferida para o mercado<sup>40</sup> nos anos 60, que era de prestação de serviço, avisos, recados, entremeada com lançamentos musicais, exemplo Raul Seixas que me lembro ter ouvido pela primeira vez na “Voz de Pocinhos”, num dia de feira desses, quando a feira não era mais na praça. Foi ela quem me apresentou Armstrong, Paul Anka, além de outros nacionais. <sup>41</sup>

É interessante perceber, que a programação musical do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” tentava apresentar diferentes estilos musicais tanto nacionais como internacionais para a população e assim fazer com que os ouvintes pudessem estar em sintonia com o que era produzido em termos musicais. Contribuindo deste modo para a construção do gosto musical de muitos ouvintes como foi o caso do senhor Plínio Victor, que viu no Serviço de alto-falantes a junção de todos os meios de comunicação, para que assim a população pudesse estar informada e tivesse contato com o universo musical. Vejamos:

(...) Sendo assim, “A Voz de Pocinhos” era o nosso rádio, a nossa televisão, a nossa net, considerando-se que havia o cinema e todas as principais revistas de circulação nacional (coisas que hoje, aí, nem pensar). Portanto “A Voz de Pocinhos” reproduzia, num "programa" em dias especiais, dias de feira e fins de semana, a difusão da produção musical da época, programação que tinha pequenas variações conforme a ocasião. (...) <sup>42</sup>

Esta seria a programação oferecida à população pelo Serviço, que até a década de 1970, contava com a locução do senhor Hermes de Oliveira Rocha e da sua esposa a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha. Vez por outra contavam com a ajuda do

<sup>39</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 21/09/11.

<sup>40</sup>O mercado é o nome popular do bairro Jardim Etelvina, onde está localizado o Mercado Público. Devido o Mercado Público estar localizado neste bairro, o bairro ficou popularmente conhecido por este nome.

<sup>41</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 22/03/13.

<sup>42</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 22/03/2013.

senhor Antônio Fernandes Andrade, que tinha o apelido de Antônio do cinema, que adolescente veio para Pocinhos ensinar como manusear os equipamentos do Cinema São José de propriedade do senhor Hermes e com o passar dos anos decidiu residir na cidade e pela proximidade que tinha com o senhor Hermes também prestava alguns serviços como locutor voluntário da “Voz de Pocinhos”.

Por sua vez, a programação da “Voz de Pocinhos” será a partir da década de 1980 modificada, é nesta década que será efetivamente organizada a programação musical e informativa com horários determinados, mas mesmo diante desta nova configuração, quando desejavam, os proprietários ligavam o Serviço sem que necessariamente fosse num horário de programas. A iniciativa para modificar a programação partiu de alguns jovens, como nos relata o senhor João Evangelista Guimarães:

Bom né, como você sabe “A Voz de Pocinhos” é muito antiga, e foi mais ou menos na década de 80, a gente se reuniu com Bebeta que é filho de Dona Neves, eu e João Alexandrino, a gente começou a querer aproveitar mais aquele espaço da “Voz de Pocinhos” (...) <sup>43</sup>

O nosso entrevistado, ao afirmar que desejava “aproveitar mais aquele espaço da Voz de Pocinhos” ele faz uma representação da utilidade da difusora para a população, sendo ela útil a população, poderia ser ainda mais, ao apresentar neste caso uma programação diferenciada. Estes programas ofereceram a população momentos de lazer que tanto podia contar com aquela programação musical em um horário fixo, bem como estar informado sobre as notícias locais e do país.

Como forma de ajudar na manutenção do Serviço, quanto aos gastos de energia elétrica, por exemplo, a iniciativa de uma programação fixa atraía a atenção dos comerciantes que viam no Serviço uma oportunidade de fazer anúncios. Sendo assim, os jovens que começavam a se tornar locutores do Serviço, viram nestes comerciantes uma oportunidade de conseguir algum patrocínio, mesmo que não quisessem, os jovens sempre acabavam conseguindo convencê-los que isto seria um bom negócio. Acompanhemos como era realizada tais propagandas, segundo o senhor João Evangelista Guimarães:

A gente em termo de patrocínio mesmo, de propaganda mesmo, a gente tinha propaganda de Zequinha, eu lembro muito da propaganda, como eu falei de

---

<sup>43</sup>Entrevista realizada no dia: 23/07/2011, O entrevistado tem 52 anos, e na década de 1980 participou do Serviço sendo um locutor de um programa dominical.

Zequinha (risos) tinha uma gravada por Toinho, Toinho tinha uma voz bem... (forte) (encenação) “Mercadinho São José” (risos) ai a gente curtia com ele, aperriava com ele... E ele dizia: “eu não vou mais gravar isso não!” Eu lembro mais dele do que dos outros, não tinha muitos também não, o povo não queria gastar, mas a gente aperriava assim mesmo. A gente conseguia esses apoios ai ajudava a pagar a energia pra não ficar tudo sobre ela (Dona Maria das Neves) e comprava LPs (...) <sup>44</sup>

Os momentos em que eram gravadas estas propagandas mostram que eram marcados pela descontração, onde acabavam fazendo brincadeiras com aqueles que eram escolhidos para fazer a locução. O nosso entrevistado diz que tais propagandas eram feitas para se arrecadar dinheiro para que a despesa do Serviço, não ficasse só a cargo dos proprietários<sup>45</sup>. Como foi citado pelo nosso entrevistado (os locutores) faziam estas propagandas de forma voluntária. Entretanto, acreditamos que faziam tais trabalhos mais como uma forma de “desencargo de consciência”, do que simplesmente como uma contribuição. Estes jovens sabiam que o ambiente onde estavam, era um ambiente privado e que caso os proprietários desejassem poderia a qualquer momento não mais autorizar a execução de tais programas, era preciso antes de qualquer coisa agradá-los, porque senão eles não poderiam levar a frente o projeto de “animar a juventude”.<sup>46</sup>

A ideia inicial de aumentar a programação do Serviço partiu destes três jovens: Zominho, João Alexandrino e Bebeta e com a permissão de Dona Neves, puderam assim, terem acesso aos microfones da “Voz de Pocinhos”. Decidiram então dividir os horários em que a programação seria realizada. O domingo foi a escolha do senhor João Evangelista Guimarães, conhecido na cidade pelo apelido de Zominho, porque era uma forma de não se comprometer muito, de ter o compromisso de ficar a semana toda trabalhando no Serviço. Acreditava que assim, seria melhor e que poderia se dedicar ao programa que iria realizar, o horário escolhido era das 10:00h até às 12:00h.

---

<sup>44</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 23/07/11.

<sup>45</sup>Durante a entrevista, o nosso entrevistado fala: “pra não ficar tudo sobre ela”, no caso, as despesas. Ao referir-se a “ela”, seria à Dona Neves, que também ajudava nos trabalhos e na administração do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” com o seu esposo.

<sup>46</sup>Este foi um termo utilizado pelo entrevistado João Antônio Alexandrino, em entrevista no dia 01/09/2011. Ele foi um locutor que possuía um programa musical nos domingos à noite após a missa que ia até as 22:00 h. E quando perguntado o porquê de fazer um programa no Serviço ele disse para “animar a juventude”. Não é que a juventude da cidade não possuía outras formas de divertimentos, ou que as músicas que eram tocadas não agradavam a juventude. Ao usar o termo “animar a juventude” seria com o sentido de existir no Serviço um programa que fosse apresentado por jovens e num horário em que na praça circulavam este tipo de público.

O programa de Zominho<sup>47</sup> tinha como abertura a música “Milionário” dos “Incríveis”, esta música é instrumental e ao ser reproduzida a população já sabia que estava no ar o programa. Por ser uma composição instrumental, não há a possibilidade de como colocarmos aqui a letra para que os nossos leitores possam acompanhar a canção, enquanto estávamos construindo este trabalho sentimos o desejo de conhecer como seria esta canção, para assim tentarmos expressar aqui as sensações e sentimentos que a mesma poderia despertar.

Sabemos que as impressões são diferentes para cada pessoa e que cada qual apresenta uma sensibilidade, quanto ao que podemos sentir em relação a esta canção, ela nos despertou um sentimento de nostalgia, talvez por isto mesmo, a escolha já tenha sido proposital, porque as músicas que eram tocadas no programa era de cantores que faziam parte da Jovem Guarda. Por isto, afirmarmos que tal escolha pela canção de entrada do programa não foi algo inusitado, era já um anúncio de volta ao passado, já que o auge da Jovem Guarda foi em meados da década de 1960 e o programa de Zominho existiu na década de 1980. No trecho abaixo ele nos explica como era a estrutura musical do seu programa:

(...) O meu programa era variado, mais puxado muito para a Jovem Guarda, música de Roberto Carlos, Vanuza, aquele povo da Jovem Guarda, meu estilo era esse. Os The Fevers, aquela banda Os Incríveis, o meu repertório foi em cima da Jovem Guarda inclusive a abertura do meu programa era uma música instrumental dos Incríveis não sei se você conhece ‘Milionário’ instrumentalizada pela guitarra, não sei se você já ouviu. (...) <sup>48</sup>

O público adulto era o que mais interagiu com o programa de Zominho, porque pelo programa ser realizado nas manhãs de domingo, o nosso entrevistado acreditava que no horário das 10:00h até 12:00h, os jovens estariam dormindo. Assim, o programa era ouvido das residências, as pessoas não se dirigiam para a praça para se concentrarem de frente ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, a participação dos ouvintes dava-se por telefone, como ele nos diz: “(...) O meu era um programa que o pessoal ouvia de casa mesmo, telefonavam já tinha telefone na época e eles telefonavam pedindo música, fazendo oferecimentos. (...)” <sup>49</sup>

<sup>47</sup>O nosso entrevistado João Evangelista Guimarães, quando foi realizada esta entrevista disse que não recordava de como era o nome do seu programa na época, por isso para fazer referência ao programa do mesmo, vamos chamar de o ‘Programa de Zominho’.

<sup>48</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 23/07/11.

<sup>49</sup>Idem.

Entretanto, é importante destacarmos que, assim como esta programação que era realizada nos domingos pela manhã, era tida como um entretenimento para aqueles que gostavam de tal estilo musical, porém se tornava um incômodo para aqueles que não gostavam do mesmo. Diferentemente do rádio, em que o ouvinte pode escolher o que quer ouvir, por ter um receptor em sua casa, no momento em que não deseje mais ouvir tal programa ou notícia, o ouvinte pode desligar o aparelho, já com um serviço de alto-falantes isto não é possível, mesmo que não queira o ouvinte tem que ouvir aquilo que é colocado no ar, no nosso caso o que era divulgado pela “A Voz de Pocinhos”<sup>50</sup>

Acompanhemos o que nos disse o senhor João Evangelista Guimarães (Zominho) sobre as críticas que seu programa recebia:

(...) Agora a gente teve uns probleminhas né... Como “A Voz de Pocinhos” era... É um alto-falante, tem gente que não tá a fim de ouvir música (risos) suada e de vez em quando a gente recebia umas criticazinha e de ameaça que ia fechar,<sup>51</sup> ai já pensou dez horas da manhã então você quer dormir até mais tarde ai “A Voz de Pocinhos” ali e tome som até o meio-dia também para quem também morava ali no centro era muito ruim né? (...) <sup>52</sup>

O senhor João Evangelista reconhece que realmente era um incômodo ter que ouvir algo que não fosse do agrado, principalmente quando se queria dormir. Talvez naquele tempo, ele nem tenha percebido isto, mas que agora se coloca de forma clara para o mesmo. Interessante que pelo horário que era realizado o programa certamente quem mais reclamava eram os jovens, que neste horário estariam dormindo, já que pelo horário os seus pais estariam a realizar as suas tarefas diárias. No entanto, quando chegava à noite e após a missa era iniciado o Programa de João Alexandrino a juventude estaria na praça para ouvir o programa e se, de repente, surgissem críticas ou ameaças que o programa poderia não ser realizado, assim como acontecia com o Programa de Zominho, seguramente não faltariam defensores para o Programa de João.

O domingo era o dia em que era escolhido para que houvesse uma programação voltada só para o entretenimento da população. Pela manhã, a programação ficava sob a responsabilidade de Zominho, durante à tarde dava-se uma pausa e o Serviço só era ligado novamente à noite após a missa, quando o senhor João Antônio Alexandrino

<sup>50</sup>Esta colocação foi feita pelo senhor João Antônio Alexandrino, ao reclamar de uma época que colocaram dois alto-falantes na rua da sua casa e segundo ele “ninguém podia dormir!” quando o Serviço era ligado. Em entrevista concedida à autora no dia 01/09/2011.

<sup>51</sup>No sentido de acabar com o programa.

<sup>52</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

assumia os microfones e segundo ele: “Pra animar a cidade porque depois da missa não tinha nada, pra animar a juventude, vamos ligar a difusora Dona Neves fazer música! eu pedia, e isso era bom demais”<sup>53</sup>.

O programa musical de João no domingo à noite era um sucesso de público, era iniciado em um horário em que muitos jovens estavam reunidos na praça ou haviam ido à missa e que após esta, pediam a seus pais para ficarem um pouquinho na praça. Era a hora perfeita para dar aquele passeio em volta da praça e assim poder passar pelo paquera e poder flertar.

O programa era iniciado por volta das 20:30h, porque dependia do final da missa para que pudesse começar e encerrava às 22:00h. Era até esse horário conforme nos indica o senhor João Alexandrino: “Dez horas, até dez. Depois das dez, silêncio, porque a cidade tinha que dormir (risos) dez horas todo mundo dormindo.”<sup>54</sup> É importante destacar como o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” conseguiu prolongar os hábitos noturnos dos moradores da cidade de Pocinhos, que ficavam a passear e a conversar na praça até o fim do programa para que assim pudessem se recolher para os seus lares. O barulho só era permitido até às 22:00h, depois disso a cidade era tomada pelo silêncio. Se por ventura, na cidade não existisse tal meio de comunicação, é possível que o horário para que as pessoas se recolhessem para as suas residências, fosse antecipado para às 20:30h, quando terminava a missa dominical.

Havia uma grande participação do público jovem durante o programa de João e do locutor para com o público. Para aqueles jovens que começaram a participar da programação do Serviço e que tinha programas em outros horários, no domingo à noite mesmo sem ter necessidade de irem para o estúdio da “Voz de Pocinhos” ajudar no programa de João, eles não deixavam de ir, não porque eram gentis e iam dar uma “forcinha” ao amigo, mas iam para ficarem se exibindo nas janelas do estúdio para as mocinhas que passavam pela calçada. Uma vez sendo locutor, estes ganhavam alguns pontos com as garotas que estavam a paquerar. Podemos perceber que eles eram reconhecidos na cidade pelo o trabalho que faziam o que por vezes os ajudavam nas suas relações afetivas, vejamos o que nos disse os nossos entrevistados:

---

<sup>53</sup>Entrevista concedida à autora no dia 01/09/2011.

<sup>54</sup>Idem.

(...) Então quando ligava<sup>55</sup> o pessoal se aproximava, outros vinha pedir música era assim, sempre que encontrava na rua pedir para mandar um recado. Isso ajudava assim com as namoradas, tinha assim um prestígio... é tanto que o meu casamento começou através, aparecendo né, nos microfones e nos eventos, conquistando e paquerando também! (risos)<sup>56</sup>

(...) Lembrando um pouquinho, ai esse quarto dava para frente da casa que hoje eu acho que é o quarto dela<sup>57</sup>. E a gente ficava ali olhando o povo (da janela), da praça assim, como você sabe né, a praça no domingo era um show, principalmente no domingo, ai a gente aproveitava ai abria as duas janelas, parece que era duas ou era três janelas né, e enquanto tava tocando a música a gente ia se comunicando com o povo lá fora lá em baixo (risos) o povo pedia música, era bem interessante.<sup>58</sup>

Os relatos que nossos entrevistados expuseram anteriormente nos fazem refletir que cada qual ao expor suas memórias sobre como eram recepcionados pelos ouvintes, nos descrevem aquilo que era mais interessante de ser dito, podendo estes relatos serem modificados todas as vezes que forem contados. O nosso primeiro entrevistado o senhor Gilvan José da Silva, afirma que ser locutor do Serviço lhe dava um status, tanto que o seu namoro que depois veio a se tornar casamento começou por meio da “Voz de Pocinhos”, já o senhor João Evangelista Guimarães, o Zominho, relembra que a localização do estúdio ajudava nessa interação com o público e porque não nas paqueras também. Tais narrativas são de grande valor, porque nos fornecem alguns indícios para que hoje, possamos conhecer alguns destes acontecimentos da época em que “A Voz de Pocinhos” oferecia estes momentos de entretenimento. Dessa forma, concordamos com Meihy (2005) quando diz que:

Toda narrativa é sempre inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão e não os fatos em si. Convém lembrar que, por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, cada vez que são reditas carregam diferenças significativas.<sup>59</sup> (MEIHY, 2005, p. 56)

Quanto às músicas que eram tocadas no domingo à noite, estas eram das mais variadas, mas geralmente eram canções românticas, uma das que eram muito pedidas

<sup>55</sup>Quando o Serviço era colocado no ar.

<sup>56</sup>O entrevistado é o senhor Gilvan José da Silva, 47 anos, a entrevista foi realizada no dia 09/08/2011. Ele foi locutor de alguns eventos e programas do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, na década de 1980. Não chegou a ter um programa fixo, mas sempre auxiliava os locutores do Serviço e quando estes não podiam por algum motivo apresentar o programa, era ele quem os substituiu.

<sup>57</sup>Onde era localizado o estúdio da “Voz de Pocinhos”, na década de 1980.

<sup>58</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

<sup>59</sup>MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 56

era ‘Colcha de Retalhos’, de Chitãozinho e Xororó<sup>60</sup>. Havia um planejamento prévio do que seria feito no programa, lembra o senhor João Alexandrino que para diversificar a programação musical dos domingos, ele juntamente com os colegas que o auxiliavam pediam emprestados discos de vinil para aqueles que tinham, para que eles pudessem tocar na “Voz de Pocinhos”.

As noites de domingo, era uma diversão para aqueles que não tinham como escutar músicas durante a semana e que nas poucas horas que podiam ficar na praça desfrutavam de momentos de alegria e lazer, às vezes esperava-se a semana inteira pelo domingo à noite em que seria possível ter este divertimento. Alguns dos nossos entrevistados nos relataram que o melhor deste programa eram os “oferecimentos musicais” e os “recadinhos do coração” em que em meio ao mistério do anônimo que dedicava tal canção a sua amada, ou para aquelas que tinham coragem e que pelo anonimato também dedicavam suas canções ou declaravam os seus sentimentos ao seu amado, ficava o segredo que durante a semana, deveria ser desvendado e quando isto não acontecia, o jeito era esperar pelo Programa de João e saber se seu amado ou amada teria novamente a coragem de revelar o seu amor através de alguma canção. Para muitos jovens apaixonados dos anos 1980, as noites de domingos guardaram muitas lembranças, assim podemos perceber nos relatos abaixo:

Ficava na praça namorando e mandando os recadinho, ia lá: “mandar uma música pra minha namorada, mande aquela música...” E a gente (som de música) vai e manda música e manda música e a coisa ia acontecendo gostosa, saudável né (risos)<sup>61</sup>

(...) Depois da missa (...) ligavam a difusora, ai a gente ficava escutando música pela difusora e paquerando e pronto (risos)<sup>62</sup>

(...) Agora o de João era bem melhor porque era o domingo à noite depois da missa é onde tava todos os namorados ali da praça, arruando a praça na época, os jovens o pessoal os jovens, nós jovens ficava a diversão maior era ir para a praça no domingo. (...) <sup>63</sup>

(...) Havia os recadinhos românticos que variavam de níveis, dependendo da classe social de quem mandava. Um deles, só um, que guardei na memória me faz rir até hoje, riso, digamos de ternura pela condição da condição da paixão humana que foi o seguinte: “atenção, atenção, fulano de tal que está

<sup>60</sup>Informações cedidas pelo senhor João Antônio Alexandrino em entrevista no dia 01/09/2011

<sup>61</sup>Idem.

<sup>62</sup>Entrevista concedida à autora no dia 13/09/2011, pela senhora Maria Marlene Chaves Silva, que foi ouvinte do Programa de João.

<sup>63</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011, pelo o senhor João Evangelista Guimarães.

preso atrás das grades da lei, perca 5 minutos de seu precioso tempo e ouça essa canção que fulana lhe manda como prova de amor e carinho do fundo do coração.<sup>64</sup>

Sabemos que se não tivesse na cidade de Pocinhos, um meio de comunicação como este, os namoros teriam acontecido da mesma forma, por meio de outras formas de conquistas, mas poder paquerar ao som de músicas ou receber uma declaração em público, transformou as formas que os jovens utilizavam para flertar nesta época.

Por fim, durante a semana a programação era diferente, tocavam-se músicas, mas não na quantidade que eram tocadas no domingo. Já sabemos que quando desejava Dona Neves e seu Hermes ligavam o Serviço no horário que desejassem e tocavam músicas e davam avisos. No entanto, um dos seus filhos Herbert Oliveira que era conhecido pelo apelido de Bebeta, teve um programa todas as manhãs durante a semana que tinha como foco informar a população sobre notícias nacionais e locais, tinha entrevistas com prefeitos e vereadores, apresentavam serviços de utilidade pública como achados e perdidos, o “Manhã de Sucesso”, tinha duração de duas horas por dia, começando das 9:00h até às 11:00h da manhã. Segundo o senhor João Evangelista Guimarães: “(...) O programa de Bebeta era muito bom, era completo porque ele tinha tudo. Ele era utilidade pública o tempo todo, tinha entrevista, tinha notícias, ele fazia muito bem o programa, ele era muito bem produzido. (...)”<sup>65</sup>. Este programa deve ter contribuído muito para a população estar informada, bem como modificou a rotina das pessoas que ouviam músicas e notícias pelas manhãs.

E desse modo, esta foi a programação existente no Serviço até o final da década de 1980. Os nossos entrevistados não souberam informar quanto tempo cada programa durou, o programa de Zominho e o de João chegou há durar alguns anos no Serviço, já o de Bebeta não conseguimos precisar a duração do seu programa. Os motivos devem ter dos mais diversos para que estes programas fossem deixando de existir. Zominho ainda tentou arriscar um palpite sobre o porquê do fim destes três programas:

Olhe eu não sei se a gente foi acabando por etapa ou se a gente (pausa), por exemplo, eu desisti (*sic*) eu sei que não foram todos três de uma vez não. Eu acredito, por exemplo, que Bebeta ele, ele foi embora para Alagoa Nova né, casou-se foi embora para Alagoa Nova, ai com certeza desse tempo foi que ele acabou e a gente foi enchendo o saco, no popular, foi sinceramente eu

<sup>64</sup>Entrevista concedida à autora no dia 22/03/2013.

<sup>65</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

nem sei dizer como foi que a gente parou... Naturalmente foi parando foi dando a preguiça foi furando uma vez, furando outra, ai... Pronto um dia não teve, foi perdendo... (o ritmo) <sup>66</sup>

Foram muitos os apelos para que voltassem com os programas do domingo e com o “Manhã de Sucesso”, que era feito durante cinco dias da semana. Os nossos entrevistados nos afirmaram que a população sempre perguntava o porquê de não continuarem com tais programas, eles sempre justificavam que estavam cansados e isto deveria ser feito por outros jovens. Na realidade aqueles três jovens que desejaram aproveitar melhor o espaço da “Voz de Pocinhos”, cresceram e tiveram que assumir suas responsabilidades, não havia mais tempo ou empolgação para levar a frente tal projeto, uns tiveram que ir trabalhar em algo que lhes redesse alguma remuneração, já que o serviço que prestavam na “Voz de Pocinhos” era voluntário. No caso de Bebeta, este casou-se e foi morar em outra cidade. E assim o Serviço, aos poucos foi perdendo sua programação fixa, para voltar àquilo que era nas décadas de 1950, 1960 e 1970 em que não havia uma programação diária ou nos finais de semana. Mas nem por isso Dona Neves e Seu Hermes fecharam a sua difusora. Pelo contrário, quando menos se esperava ouvia-se pela cidade que estava no ar: O Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” com notícias, utilidade pública e músicas.

Agora é chegada a hora de damos uma pausa na programação e conhecermos alguns dos eventos realizados na cidade de Pocinhos, que tinham como principal convidado “A Voz de Pocinhos”. Era dela a função de anunciar os desfiles da Miss Pocinhos, de fazer os leilões e para escolher a rainha da Festa da Padroeira da cidade, ou ainda para fazer os casamentos matutos nas festas juninas, ou para animar os bailes de carnavais. No segundo capítulo, analisaremos os eventos que foram organizados com e pela “A Voz de Pocinhos” e que contribuíram para o desenvolvimento cultural da cidade.

---

<sup>66</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

## CAPÍTULO II

### A DIFUSÃO DE ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES COM O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES “A VOZ DE POCINHOS”

Ao longo deste trabalho, apresentamos aos nossos leitores, como era a programação musical do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, e os espaços de sociabilidades que foram criados a partir do Serviço de alto-falantes. Quando chegavam algumas datas no ano, a exemplo do Sete de Setembro, o Serviço de alto-falantes modificava a sua grade musical, para tocar canções, que estariam ligadas às festividades que estivessem próximas para acontecer. No mês de junho, tocavam-se mais xote, baião, forró, ou quando estava próxima a Festa da Padroeira passavam-se a tocar músicas religiosas.

Neste capítulo daremos uma pausa nos programas da “Voz de Pocinhos” para conhecermos e analisarmos alguns eventos que aconteceram na cidade e que tiveram neste meio de comunicação o auxílio e a divulgação para que em Pocinhos, a população pudesse estar informada sobre as festas que iriam acontecer.

A partir da década de 1950, a cidade de Pocinhos pôde contar com um meio de comunicação que além de transformar o cotidiano dos moradores com informações, notícias e músicas, contribuiu com a difusão, bem como a criação de alguns eventos sociais que movimentaram a cidade, estabelecendo outros espaços sociais para a população pocinhense.

Contudo, se faz importante estabelecermos alguns pontos sobre o que vamos chamar de “espaços de lazer e divertimentos” e o quanto estes momentos contribuíram para “movimentar” a cidade. Neste sentido, não podemos associar a ideia de uma vida social, regada de festas que aconteciam com frequência ou com relação a uma vida agitada tal qual, podemos comparar como o que acontecia na época em grandes centros urbanos como era nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Pocinhos, após conquistar a sua Emancipação Política,<sup>67</sup> ainda mantém relações com a cidade de Campina Grande,

---

<sup>67</sup>O Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” foi fundado no ano de 1951, quando Joffily, ainda era distrito de Campina Grande-PB, o distrito sempre foi chamado de “Pocinhos”, mas em 1943 o distrito passou a ser chamado oficialmente de “Joffily”, em homenagem ao senhor Irineu Joffily, que pertencia a família Joffily que neste período tinha grande destaque na região devido a sua posição econômica. Mas mesmo sendo “Joffily” oficialmente, a população nunca deixou de chamar “Pocinhos”, assim com a Emancipação Política em 1953, a nova cidade voltou a ser chamada oficialmente pelo seu nome popular.

onde com a qual estabelecia não só trocas comerciais, como também continuou a ter acesso a tudo que era produzido na cidade em termos de divertimentos e lazeres.

Mesmo sendo uma cidade de pequeno porte, em Pocinhos procurava-se reproduzir algumas das festas que eram realizadas em outras cidades. Os moradores, seguindo os seus hábitos e costumes, souberam muito bem aproveitar os eventos que foram criados, ou ainda puderam reinventar suas práticas sociais, a partir do surgimento do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Esta, por sua vez, construiu novas percepções da realidade e do mundo, junto aos ouvintes de diferentes faixas etárias.

No decorrer deste trabalho, discutimos como era realizada a programação do Serviço de alto-falantes deste a improvisada até a criação de uma programação fixa na década de 1980. Esta foi utilizada pela população que podia estar em contato com músicas variadas e informações, que mesmo não sendo um evento propriamente dito, transformava-se em um, porque oferecia um divertimento para a população, principalmente nos finais de semana<sup>68</sup> e quando aproximava-se alguma data comemorativa, esta só vinha complementar os momentos de descontração e lazer que eram oferecidos pela “A Voz de Pocinhos”.

Assim, buscaremos apresentar e analisar as funções estabelecidas por alguns eventos e espaços de divertimentos existentes em Pocinhos, até o final da década de 1980 como formas de animação e lazer na cidade. Entre estes estão a Festa da Padroeira, as festas juninas, carnavais e os concursos de Miss Pocinhos.

## **2.1 – “Não havia igual, em glamour, esbanjamento e brilho, outra, que não fosse a esperada o ano inteiro: A Festa da Padroeira.”<sup>69</sup> – A Festa de Nossa Senhora da Conceição: devoção e diversão.**

Em Pocinhos, a festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, era uma das mais esperadas durante o ano<sup>70</sup>. Esta festa, contava com a presença do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Neste caso, nos referimos à festa social, que foi criada como forma de arrecadar fundos para a paróquia, então geralmente durante o dia

<sup>68</sup>Principalmente na década de 1980, para mais informações sobre como era a programação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, consultar o primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>69</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 22/03/2013.

<sup>70</sup>Por ser o principal evento social da cidade dentro do período estudado, havia a festa religiosa, mas a social feita geralmente a noite, no dia 08 de dezembro era a que gerava mais expectativa. Atualmente, não existe mais a festa social, só a religiosa. Por isso, não há tanto destaque na cidade é apenas mais uma data religiosa, que a Igreja Católica celebra com seus fiéis.

realizavam-se os festejos religiosos como missas e procissões e a noite era feita a festa social em que era construído um pavilhão<sup>71</sup>. A animação era feita por tocadores da cidade, vendiam-se comidas diversas como coxinhas de frango e pastéis fritos, arrumadinhos<sup>72</sup>, macaxeira cozida ou frita, as comidas geralmente eram servidas em pequenas porções, e bebidas como refrigerantes e cervejas. No entanto, o ponto alto da festa era a realização dos leilões de aves, em que havia a possibilidade de se arrecadar mais dinheiro para a Igreja Católica<sup>73</sup>.

Estes leilões ficavam sob a responsabilidade do senhor Hermes, que segundo a sua esposa Maria das Neves, era o tipo de locução que ele mais gostava de fazer. Pois não exigia uma locução tão formal, pelo fato do locutor poder fazer brincadeiras com o público e o momento ser mais descontraído. Como nos afirma a senhora Maria das Neves: “(...) Hermes fazia parte da locução também das festas da padroeira Nossa Senhora da Conceição fazendo as arrematações naquela época de galinha que havia no pavilhão, ele era animador desse movimento de festa da Igreja.”<sup>74</sup> Contudo, o senhor Antônio Fernandes Andrade relembra de que forma era feita estas locuções:

(...) É aí quando era a Festa da Padroeira, tinha seu Hermes, ia com o serviço de som para dentro do pavilhão e ficava fazendo toda a divulgação de dentro do pavilhão né, e teve até inclusive aqueles leilões e arrematações, tinha muitas arrematações o pessoal gastava muito! (risos)<sup>75</sup>

A Festa da Padroeira movimentava a cidade e era considerada “A FESTA”, na qual esperava-se o ano inteiro por ela “não havia igual, em glamour, esbanjamento e brilho, outra, que não fosse a esperada o ano inteiro, festa da Padroeira”<sup>76</sup>. Então, desse modo era comum que as pessoas procurassem esbanjar tudo aquilo que poderia ter

<sup>71</sup>O pavilhão geralmente era uma ou duas ruas que eram interditadas com cercas, porque assim podia-se ter um controle de quem entrava ou não no pavilhão.

<sup>72</sup>Arrumadinho, é uma mistura de feijão, cuscuz, verduras, carne de charque assada, queijo de coalho, e linguiça cortada em pedacinhos. Comida muito comum no Nordeste brasileiro.

<sup>73</sup>A chamada Festa da Padroeira, a de caráter social, foi realizada até o ano de 2001, depois disso, com a chegada de um novo padre na paróquia, foi extinta a festa. Segundo o padre, A festa social ia de encontro a tudo o que a Igreja pregava com relação aos pecados, por se vender bebidas alcoólicas e pelas músicas que eram tocadas. Mas a festa religiosa continua a ser realizada todos os anos no dia 08 de dezembro.

<sup>74</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 21/09/2011.

<sup>75</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 26/08/2011, o senhor Antônio Fernandes Andrade tem 66 anos e começou a ajudar como locutor no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” entre 12 e 13 anos, é o locutor que mais tempo permaneceu no Serviço.

<sup>76</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 22/03/2013

economizado durante os meses que antecediam a festa. Os leilões e arrematações<sup>77</sup> eram prova disso, para aqueles que podiam gastar, muitas vezes pagavam-se altos preços por aves que em outros momentos se poderiam consumir por valores bem inferiores, era também uma forma de demonstrar e reafirmar o “status” que poderia se ter na cidade, para aquele que podia dar o lance maior, mais atenção recebiam. Por isso era comum as pessoas gastarem muito dinheiro nessas festas, como nos disse o senhor Antônio Fernandes Andrade.

Na imagem a seguir, podemos visualizar uma dessas festas da padroeira em que o senhor Hermes, faz a locução da Festa da Padroeira. No momento em que a fotografia foi produzida, o senhor Hermes estava a fazer um desses leilões e arrematações.



**Imagem 3- (Acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha) Esta fotografia é da década de 1980<sup>78</sup>.**

<sup>77</sup>Arrematar: Comprar ou tomar de arrendamento em leilão. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

<sup>78</sup>A senhora Maria das Neves não soube precisar em que ano especificamente ela foi feita, segundo a mesma esta era uma Festa da Padroeira e seu esposo, o senhor, Hermes estava a fazer o leilão do prato (ave) que a criança esta segurando.

Contudo, é possível ver que o senhor Hermes usa um microfone que logo seria da “Voz de Pocinhos” e que ao seu lado está a sua esposa, que o ajudava durante os leilões. É importante chamar a atenção para o fato que nem sempre era uma criança que segurava o prato que, preparado e decorado, seria entregue àquele que comprasse a ave. Esta é uma imagem da Festa da Padroeira que aconteceu na década de 1980, em que os leilões já eram algo comum nessas festas e que não havia tanto brilho e glamour, preocupava-se somente manter a tradição da festa que eram estas vendas, desse modo a apresentação do prato era simples, como podemos ver nesta imagem.

No entanto, voltemos às décadas anteriores, em que era preparado todo um momento para a venda destas aves que geralmente era galinhas e perus. Estas aves eram servidas assadas e inteiras e eram preparadas por senhoras que freqüentavam a Igreja Católica. Antes da Festa da Padroeira, pela “A Voz de Pocinhos” convidavam-se as moças da cidade para fazerem parte dos cordões da festa, estes cordões eram grupos de meninas que ficavam divididas em duas cores azul e vermelha, e vestiam-se de forma igual. Para estas meninas que tinham entre 14 ou 15 anos ficava a tarefa de no dia da festa segurar os pratos com as aves, enquanto o senhor Hermes anunciava os preços e as pessoas davam os lances para o leilão. Ao final, aquela moça que recebesse o maior lance no seu prato, seria considerada a rainha da festa e o seu cordão seria o vencedor. Este era um evento que chamava a atenção da população conforme nos disse a senhora Maria Aparecida Tavares que, durante o dia, ia para a procissão e à noite frequentava o pavilhão para assistir a escolha da rainha da Festa da Padroeira<sup>79</sup>.

Lembro-me muito bem como era a festa de Nossa Senhora da Conceição era esperada o ano todo. Minha mãe costurava vestidos lindos de Organdi para mim e minhas irmãs todos iguais só mudava a cor (risos) lindos! e agente íamos todas faceiras para a procissão e a noite para a coroação da rainha. Tempo bom!<sup>80</sup>

Depois dos leilões, era feita a coroação da rainha da festa, em seguida era realizado um baile. Toda a comunicação da festa necessariamente passava pelo o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” que estava envolvido desde a divulgação

---

<sup>79</sup>A rainha da Festa da Padroeira era aquela moça, que conseguisse vender pelo valor mais alto a ave que segurava durante os leilões feitos pela “A Voz de Pocinhos”.

<sup>80</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 20/02/2013. A senhora Maria Aparecida Tavares, tem 51 anos, nasceu e cresceu na cidade de Pocinhos e acompanhou como eram estas festas na cidade.

até a realização da Festa da Padroeira. Vejamos algumas fotografias que mostram como era feita a coroação e o baile da rainha da festa de Nossa Senhora da Conceição.



**Imagem 4- (Acervo da senhora Adriana Souto da Silva) O baile da coroação da rainha da festa de Nossa Senhora da Conceição de 1956. Nesse ano a rainha coroada foi uma moça conhecida como Didé, ela esta dançando com este rapaz de óculos que está no canto direito da imagem.**

Tentamos localizar alguma dessas moças que foram coroadas como rainhas nestas festas, para entrevistá-las, mas infelizmente isto não se fez possível. Sobre a coroação de Didé, conseguimos um relato sobre este dia, ao mostrarmos esta fotografia a um de nossos entrevistados, este recordou que havia participado deste evento: “Eu participei do cortejo de casais de crianças que levaram ela ao baile. Todos os meninos de terno e gravata borboleta, mas as calças eram curtas. Eu ia com minha prima Célia Victor.”<sup>81</sup>

Como na época o senhor Plínio Victor era uma criança, poucas são as memórias que ele tem deste dia. E não tivemos como conseguir mais informações sobre esta coroação. Entretanto, por esse breve relato, podemos conhecer um pouco destes eventos que eram realizados na cidade e que tinha a participação do então Serviço de altofalantes “A Voz de Pocinhos”.

## **2.2- As festas juninas na cidade de Pocinhos.**

Em Pocinhos, assim como em muitas cidades do Nordeste brasileiro, é celebrada no mês de junho, as festas em homenagem aos três santos (Santo Antônio, São João e São Pedro) e dessa forma, sendo um costume na região, devem-se compreender tais festas como cheias de significados que envolvem não só aspectos sócio-históricos, mas

<sup>81</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 22/03/2013.

também os significados simbólicos que tais eventos proporcionam nos lugares onde são realizados. Dessa maneira, nesta cidade estas festas tornaram-se uma tradição, uma tradição inventada como afirma Hobsbawn e Ranger (1984):

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual e simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWN & RANGER, 1984, p.09)<sup>82</sup>

Utilizamos o conceito de “tradição inventada”, porque as festas juninas enquanto tradição foram transformadas pela intervenção do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, a partir de 1951, essas festas, que tinham como ambiente a zona rural, ganharam espaço na cidade. Dessa forma, entendemos que, as festas juninas foram reinventadas conforme eram celebradas em espaços diferentes. Tornando-se um evento celebrado tanto pela população rural quanto pela população urbana.

Contudo, para compreendermos como eram realizadas as festas juninas na cidade de Pocinhos, recorreremos ao estudo realizado por Elayne Oliveira Rodrigues no seu trabalho monográfico “*Da Tradição à Modernização: O São João em Pocinhos-PB (1958-2011)*” em que a autora faz um análise destas comemorações na cidade e no campo. Por sua vez, o nosso intuito é apresentarmos aos nossos leitores como estas festas eram realizadas no espaço urbano e como o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” contribuiu para que esta tradição pudesse permanecer associada aos elementos que a cidade oferecia a sua população.

Na década de 1950, o São João na cidade de Pocinhos era tranquilo e só diferenciava-se das festas juninas da zona rural porque nos sítios existiam os famosos forrós pé-de serra. Vejamos o que diz Elayne Oliveira Rodrigues de como eram feitas as comemorações na cidade:

No espaço urbano em Pocinhos as festas juninas também eram comemoradas com as famílias, fazendo suas festas em suas residências juntamente com os vizinhos mais próximos. Reuniam-se à ‘boca da noite’ era como chamavam o anoitecer, mais ou menos de seis da tarde, hora de acender as fogueiras em frente às casas, e reunia a família ao redor da fogueira, assando milho verde nas brasas da fogueira, as crianças soltando fogos de artifícios, e moças loucas para casar fazendo suas adivinhações e superstições (...) essa era uma

<sup>82</sup>HOBSBAWN & RANGER, Eric; Terence. **A Invenção das Tradições**, Tradução de Celina Cardim Cavalcanti-Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984. p. 09

típica noite de São João das famílias da cidade de Pocinhos. (RODRIGUES, 2011, p.34)<sup>83</sup>

Mesmo não tendo “os forrós” ao vivo, podiam-se ouvir ainda nestas noites ou nos dias que antecediam a festa, músicas que o senhor Hermes tocava na “Voz de Pocinhos” o que já era uma preparação para as comemorações que se aproximavam. No entanto, a partir da década de 1960, o senhor Hermes junto com outros sócios fundaram um clube social na cidade<sup>84</sup>, já que na época não havia nenhum ambiente fechado para que fossem realizados alguns eventos, eventos estes em que se poderia escolher<sup>85</sup> quem poderia ou não participar dos mesmos. A estas práticas, entendemos que a criação deste ambiente, direcionado para a realização de festas, vai passar pelo o que Certeau (2012) definiu como espaço. Vejamos:

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e variável de tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra falada, isto é quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo) e, modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. (...) (CERTEAU, 2012, p.184)<sup>86</sup>

O espaço do Pocinhos Clube representou para a cidade de Pocinhos, o que Certeau (2012) vai chamar de “lugar praticado”, que ao ser criado este espaço tornou-se um ambiente que inicialmente teve por objetivo oferecer a população pocinhense, um espaço de sociabilidade e divertimento. A fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e alguns anos mais tarde do Pocinhos Clube, mostram que a cidade buscava modernizar-se e assim passou a oferecer espaços de sociabilidade e entretenimento para sua população, mesmo que tais espaços fossem delimitados pelas

<sup>83</sup>Para mais informações de como eram realizada as festas juninas em Pocinhos ver: RODRIGUES, Elayne Oliveira. **Da Tradição à Modernidade: O São João de Pocinhos- PB. (1958-2011)**. 2011. 101p. Monografia. (Unidade Acadêmica de História e Geografia) Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil. (p. 34)

<sup>84</sup>O senhor Hermes de Oliveira Rocha foi o primeiro presidente deste Clube.

<sup>85</sup>Escolher no sentido que para participar de alguma festa no Clube, deveria se pagar um bilhete, então entendermos que não era qualquer pessoa da cidade que poderia frequentar tal lugar.

<sup>86</sup>CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer/** Michel de Certeau; 18. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

condições econômicas de cada um. O Pocinhos Clube foi ao mesmo tempo, lugar praticado por alguns, e representado por outros, como um lugar de exclusão.

As festas juninas que aconteceram a partir da criação do Pocinhos Clube, podem ser citadas como exemplos, de como vão ser estabelecidas estas divisões econômicas. Assim, durante o mês de junho, o senhor Hermes com a ajuda da sua esposa a senhora Maria das Neves, adaptava a programação musical do Serviço “para entrar no clima” e como era presidente do Pocinhos Clube passou também a realizar o famoso “São João do Pocinhos Clube”, a festa era anunciada no Serviço durante a semana, gerando certamente uma expectativa naqueles que as aguardavam. Com isto, na véspera e dia de São João e São Pedro<sup>87</sup> à noite era realizado um baile junino, onde tornou-se uma festa tradicional na cidade. Uma tradição que foi reinventada a cada geração. Podemos acompanhar como a participação do Serviço de alto-falantes foi importante na organização e divulgação destas festas juninas, bem como de outros eventos na cidade, ao se afirmar que “tudo começava lá” como nos disse o nosso entrevistado o senhor João Evangelista Guimarães:

Teve muitas festas promovidas pela “A Voz de Pocinhos”. Sem contar que o São João, toda a programação do São João do Clube era bem famoso, agora “A Voz de Pocinhos” teve um papel muito grande, muito forte de divulgar, tudo começava lá.<sup>88</sup>

Para aqueles que não podiam pagar para frequentar o Clube ou que não queriam ir para o local, havia outras formas de sociabilidade, de praticar os espaços pocinhenses, a exemplo do São João nos bairros, onde as pessoas reuniam-se com os vizinhos em torno das fogueiras ou iam para os forrós que aconteciam nos sítios.

A participação da “Voz de Pocinhos” efetivamente nos festejos juninos aconteciam durante a véspera do dia de São João, mais especificamente à tarde, onde a população reunia-se em frente ao Serviço para assistir ao “casamento matuto”<sup>89</sup> que era organizado pelos sócios do Pocinhos Clube, mas que contavam com a participação de outros moradores da cidade. “A Voz de Pocinhos” ressignificava os festejos.

<sup>87</sup>Os dias de São João e São Pedro são comemorados nos dias 24 e 29 de junho respectivamente.

<sup>88</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 23/07/2011.

<sup>89</sup>O casamento matuto, é uma das tradições do São João, também é conhecido em alguns lugares de “casório matuto”. É uma representação cômica de um casamento a história sofre pequenas variações dependendo do lugar, mas o enredo é sempre o mesmo: a noiva fica grávida antes do casamento e os pais obrigam o noivo a se casar com ela. Desesperado, o noivo tenta fugir, mas é impedido pelo delegado e seus soldados, que arrastam o 'condenado' ao altar e vigiam a cerimônia. Os diálogos podem ser criados livremente, desde que as personagens se preocupem em carregar bastante no sotaque caipira.

Acompanhemos como eram feitos os “casamentos matutos”, segundo Elayne Oliveira Rodrigues:

Havia em Pocinhos uma grande tradição realizada na véspera de São João, à tarde, que era a de promover o ‘casamento matuto’, que juntava uma boa quantidade de moradores da cidade, que chegou até 40 participantes, estes se vestiam a caráter ‘matuto’, ou seja, de uma maneira simples e exagerada também. Os noivos e o padre que eram pessoas que caracterizavam o casamento e os personagens passeavam em uma carroça de boi, juntamente com outras carroças que vinham logo atrás, carregando os ‘matutos’ ou ‘convidados para o casamento’ que iam participar do ‘casamento matuto’. As carroças eram puxadas pelos bois e iam desfilando pelas ruas da cidade e paravam na frente da Igreja ou frente à difusora local ‘A Voz de Pocinhos’ (...) (RODRIGUES, 2011.p.36)<sup>90</sup>



**Imagem 5- (Acervo da senhora Adriana Souto da Silva) – A imagem é da década de 1960 e retrata um desfile dos noivos que iriam participar do “casamento matuto”.**

Como podemos acompanhar no referido trecho e na imagem, antes do “casamento matuto”, havia um desfile pelas ruas da cidade dos participantes da cerimônia, onde o cortejo era encerrado em frente ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e quando parava em frente à Igreja Católica ainda ficavam próximos ao Serviço, já que este ficava localizado defronte à Igreja. Para que todos que estivessem

<sup>90</sup>RODRIGUES, Elayne Oliveira. **Da Tradição à Modernidade: O São João de Pocinhos- PB. (1958-2011)**. 2011. 101p. Monografia. (Unidade Acadêmica de História e Geografia) Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil. (p. 36)

assistindo ao evento, pudessem ouvir com clareza as falas dos matutos que estavam prontos para casar, usavam-se os microfones da “Voz de Pocinhos” e assim a cerimônia poderia ser acompanhada até por aqueles que não estavam tão próximos do centro da cidade.

Ao utilizar este meio de comunicação, o evento recebia destaque e brilho na cidade, porque ao se realizar o desfile pelas ruas de Pocinhos, a população ou seguia o cortejo ou concentrava-se de frente ao Serviço, esperando o “grande final” que era a realização do “casório”. Eram diversas as representações e estereótipos elaborados e divulgados pelo Serviço de alto-falantes. Certamente a expectativa era grande e todos queriam acompanhar todos os momentos, e se por acaso não houvesse a possibilidade de visualizar as encenações devido o grande número de pessoas que ficavam em torno dos noivos e do padre, se poderia ouvir a transmissão e assim imaginar como eram as cenas e assim dar boas gargalhadas. Do mesmo modo imaginamos que, se não houvesse a transmissão pelo Serviço de alto-falantes, o cortejo não teria o seu “grande final” muitos ficariam decepcionados por não conseguirem ouvir nitidamente já que, por vezes corriam o perigo de não poderem ver as personagens da forma que desejavam.

Dessa forma, eram realizadas as festas juninas em Pocinhos entre as décadas de 1960 a 1980, contudo nesta última década as comemorações receberam algumas alterações por parte do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” que ampliou as festividades no centro da cidade, oferecendo uma oportunidade a mais de divertimento e lazer para aqueles que não podiam frequentar o Pocinhos Clube<sup>91</sup> ou que não podiam deslocar-se para a zona rural do município, para tais práticas, de mudança de lugar é possível perceber que, neste sentido ocorreu à transformação de “lugares em espaços” tal como defende Certeau (2012), o fator econômico não era empecilho para se divertir, se isto não era possível no Pocinhos Clube, recorria-se a outros espaços para dançar e brincar.

Contudo, durante a década de 1980, o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” promoveu além da divulgação e transmissão dos casamentos matutos como já foi colocado anteriormente, passou também a fazer apresentações em praça pública

---

<sup>91</sup>As festas juninas realizadas neste Clube sofreram um declínio após o ano de 1984, quando o Presidente do Clube na época (o senhor Hermes Oliveira Rocha foi o primeiro presidente, e depois foi substituído por outros sócios) o senhor Manoel Porto faleceu. Depois deste ano foram realizados ainda alguns festejos, mas não tinham mais o mesmo brilho e animação que havia na época em que o senhor Hermes era o presidente. Percebendo isto, neste momento o proprietário da “Voz de Pocinhos” com o apoio dos locutores do Serviço (ver capítulo 1 deste trabalho) começou a articular aquele que seria o chamado “São João de rua” em Pocinhos.

com tocadores em um palco improvisado que foi chamado do “Palco do Povo”<sup>92</sup>. Este palco em alguns anos foi construído em cima de um caminhão, em outros anos faziam uma estrutura de madeira improvisada para que, durante o mês de junho ocorresse à apresentação de diversas atrações como shows de calouros, emboladores de coco, cantadores de viola, quadrilhas entre outros. As invenções e reinvenções do palco do povo eram as mais diversas mostrando como o espaço pode ser praticado pelos sujeitos locais. Os nossos entrevistados, os senhores João Evangelista Guimarães (Zominho) e Gilvan José da Silva nos explicam como era feito e como surgiu a ideia do “São João de rua”:

(...) Lembro, na rua a gente começou a partir disso de 1980, isso também foi fruto da “Voz de Pocinhos”, que Bozó<sup>93</sup> ele foi influenciado por tudo isso né, e ele criou muitos eventos aqui em Pocinhos de rua, por exemplo, o São João de rua daqui foi nascido através da gente, dele e da gente junto ali na praça, o prefeito na época era Vinoca. Não existia São João de rua interessante, existia São João de Clube foi a partir desse ano que começou a surgir (sic), a gente criou fez um palco e colocou sanfoneiro para tocar todo final de semana no mês de junho. (...) <sup>94</sup>

Era em praça pública. Justamente nós armávamos um palanque né no caso e colocava, puxava a extensão do microfone e usava o serviço da “Voz de Pocinhos” (...) <sup>95</sup>

Podemos perceber que os depoimentos dos senhores João Evangelista Guimarães e Gilvan José da Silva estão bastante próximos, fornecendo a nós que não participamos destes fatos a oportunidade de constituirmos uma memória em torno deste evento. Entretanto, a formação dessa memória deve estar em consonância, com as memórias dos nossos entrevistados, para que assim esta possa ser constituída sob uma base comum, como defende Halbwachs (2003) e podemos acompanhar no trecho a seguir:

Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de

<sup>92</sup>É importante destacarmos que toda iniciativa de organização estes eventos no mês de junho partiu do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e não contou com nenhum apoio financeiro dos setores públicos da cidade. Só a partir da década de 1990 é que a Prefeitura Municipal de Pocinhos, utilizando a ideia do “Palco do Povo” é que vai fazer o “Arraial do Cariri”, que será uma forma de centralizar as comemorações que existiam na cidade (bairros da cidade, zona rural, Pocinhos Clube e o Palco do Povo).

<sup>93</sup>Helder Oliveira conhecido pelo apelido de Bozó é um dos filhos do senhor Hermes e da senhora Maria das Neves, na época por ser filho e por ter alguns colegas como locutores do Serviço, este estava diretamente ligado a tudo o que era planejado pelo Serviço, provavelmente este teria contribuído com algumas ideias relacionadas à organização e execução de eventos, neste caso o do “São João de rua”.

<sup>94</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 23/07/2011.

<sup>95</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 09/08/2011.

contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2003, p.39)<sup>96</sup>

Podemos perceber que o “Palco do Povo” foi uma forma de trazer para a rua aquilo que já era feito no Pocinhos Clube, só que com uma diferença: não precisava pagar nenhuma quantia para assistir a estas apresentações, só era preciso ter muita animação e vontade de dançar a noite toda e assim aproveitar tudo aquilo que era propiciado pela “A Voz de Pocinhos”. A locução era feita pelos locutores do Serviço<sup>97</sup> e dentre estes havia o senhor Gilvan José, que mesmo não tendo um programa fixo no Serviço, durante o mês de junho participava das locuções que eram feitas em praça pública, animando a população ao anunciar e convidar as pessoas para fazerem suas apresentações no “Palco do Povo”: “Eu ficava encarregado de fazer essas divulgação foi na década de 1980 e tinha outras programações como a gente bolou e foi nós que criamos o São João de rua praticamente foi junto com ‘A Voz de Pocinhos’ ”<sup>98</sup>. Como o próprio nome do palco diz era para o povo se apresentar, sendo assim, não eram só os profissionais que podiam mostrar os seus talentos, mas qualquer pessoa. Acompanhem como era esse evento, segundo o senhor Gilvan:

Tinha uma programação bem cultural é da época junina né, onde apresentava show de calouros, emboladores de coco, cantadores de viola é estilo Cajú e Castanha né, que faz aquela embolada. Tinha outras programações como programação de apresentação de quadrilhas junina e deixe-me ver era mais ou menos começando às 18:00 horas até ia meia-noite até enquanto tivesse gente e durava a programação e teve outras passagens também que foi gincanas que foi a gente sempre apresentava na “Voz de Pocinhos”, usava os microfones da “Voz de Pocinhos” para fazer essa programação.<sup>99</sup>

<sup>96</sup>HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**/ Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.

<sup>97</sup>Na década de 1980, foram criados alguns programas no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” (Ver capítulo 1 deste trabalho) e no período junino eram os locutores desses programas, que realizavam a animação da festa enquanto o senhor Hermes administrava os equipamentos de som.

<sup>98</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 09/08/2011.

<sup>99</sup>Idem.



**Imagem 6 – (Acervo da senhora Adriana Souto da Silva) não conseguimos precisar o ano em que esta fotografia foi feita, no entanto podemos perceber que se tratava de um “casamento matuto” e que todos os participantes estavam se divertindo e em frente estão pessoas assistiam a encenação.**

Nesta fotografia podemos acompanhar o que já exposto por nossos entrevistados a cerca deste “Palco do Povo” que era um palco improvisado e que as apresentações eram feitas a partir da 18:00h, vemos ainda que com a criação do “Palco do Povo”, os “casamentos matutos” passaram a serem feitos em cima do mesmo, podemos ainda verificar que um homem do lado esquerdo segura um microfone, que deveria pertencer a “A Voz de Pocinhos” e por está próximo aos noivos estes certamente já teriam ou iriam falar alguma coisa para o público que estava a assistir a encenação. É importante chamar a atenção para a faixa que está acima do palanque em que se ler: “Palco do Povo realização A Lojinha” pode gerar uma contradição em tudo o que já expomos até o presente momento, já que afirmamos ser, este evento realizado pela “A Voz de Pocinhos”.

Anteriormente, um dos nossos entrevistados citou o nome de “Bozó”, como sendo um dos idealizadores do “Palco do Povo”, este tinha uma lanchonete em que recebia o nome de “A Lojinha”, já comentamos que a iniciativa de fazer estas apresentações partiu do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, que sendo um meio de comunicação privado, não possuía recursos para arcar com todas as despesas que eventos como este, pudessem vir a precisar.

Então muitas pessoas ajudavam de forma voluntária ou por meio de doações para que pudessem acontecer tais festas. Assim, muitos que faziam doações gostariam de ver o nome de seus estabelecimentos envolvidos em tais eventos, esta era uma forma de fazer uma propaganda. Foi isto que aconteceu neste ano, o senhor Bozó deve ter pagado para confeccionar a faixa com o nome “Palco do Povo” e não perdeu a oportunidade de divulgar o seu estabelecimento. E como era uma doação, caso houvesse alguma reclamação com referência a propaganda ali existente, corria-se o risco de não ter a faixa para deixar o evento mais bonito e organizado.

Nós trabalhamos com os relatos de memórias daqueles que vivenciaram tais momentos juntos ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, ou como locutores ou como ouvintes, que souberam identificar e utilizar este “espaço como um lugar praticado” tal qual podemos acompanhar em Certeau (2012) quando também defende que “os relatos efetuam, portanto um trabalho que incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares” (CERTEAU, 2012, p. 185)<sup>100</sup> Isto nos faz entender que os nossos entrevistados ao nos apontar, “A Voz de Pocinhos” como a criadora do chamado “São João de rua”, estes acabavam por transformar este espaço em um lugar praticado, para aqueles que participavam destes eventos.

### **2.3 - Carnavais e Desfiles da Miss Pocinhos: Divertimento, tradição e glamour, atuação da “Voz de Pocinhos” em eventos que marcaram a vida social pocinhense.**

Após a criação do Pocinhos Clube na década de 1960, algumas comemorações passaram a ser realizadas neste espaço, em que para aqueles que podiam pagar poderiam desfrutar de algo mais organizado e particular, já que era um ambiente fechado e para se frequentar o mesmo deveria ter alguma condição financeira. Este lugar passou a ser um espaço “controlado”. Sob a responsabilidade do proprietário da “Voz de Pocinhos”, era bastante comum que os eventos que fossem acontecer neste Clube fossem divulgados pelo Serviço de alto-falantes, como era o caso das festas juninas, dos bailes de carnavais e dos desfiles para a escolha da “Miss Pocinhos”.

Os bailes de carnavais, assim como as festas juninas, tanto aconteciam no Pocinhos Clube como nas ruas da cidade, ao som da “Voz de Pocinhos” as pessoas nos dias de carnaval brincavam na rua ao som das marchinhas que tocavam no Serviço:

---

<sup>100</sup>CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; 18ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Usávamos carros (carreatas) ou grupos de pessoas com batucadas desfilando pelas ruas; assim com muita água em baldes, bombas confeccionadas ou compradas... E maisena, talco para melar. Então lembro muito do Pocinhos Clube era todo mundo fantasiado e na rua a gente brincava ao som da “Voz de Pocinhos (...)”<sup>101</sup>

Os divertimentos nos dias de carnaval eram diferenciados, tanto no Pocinhos Clube como nas ruas, como podemos perceber no relato da senhora Gildete Jacinto Silva que nas ruas as brincadeiras eram informais, cada um se divertia da forma que desejasse embalados pelo som que saía dos alto-falantes da “Voz de Pocinhos”. Para aqueles que iam para o Clube havia os bailes de carnaval e os participantes deveriam ir todos fantasiados como podemos ver nesta fotografia:



**Imagem 7- (Acervo da senhora Adriana Souto da Silva) Baile de Carnaval no Pocinhos Clube 1979. Na fotografia está a senhora Gildete, ao seu lado Ubiratan Cirne, Ricardo Victor, Marconi Câmara, Neilton Guedes e Hélio Souto.**

Quando não se tinha condições de fazer as fantasias, os jovens conseguiam fantasias emprestadas e formavam blocos. A senhora Gildete Jacinto Silva, que está nesta fotografia nos explica o que era esta fantasia que seus colegas vestiam:

<sup>101</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 10/04/2013. A entrevistada é a senhora Gildete Jacinto Silva, 51 anos, professora ela nasceu e cresceu na cidade de Pocinhos, e como moradora da cidade sempre participou dos eventos que eram organizados pela “A Voz de Pocinhos” tanto nas ruas como no Pocinhos Clube.

Eu tinha 17 anos. Na época, todos iam para o baile fantasiados. Estas fantasias dos meninos era das senhoras que faziam parte das Amigas do Lar<sup>102</sup>, eram pijamas da época, que eles pediram emprestado para brincar o carnaval naquele ano.

Em alguns anos, foram realizados concursos de fantasias. Antes do carnaval, anunciavam-se na “Voz de Pocinhos” que estavam abertas as inscrições e que os grupos deveriam então se organizar e confeccionar as fantasias. No dia de carnaval que era escolhido para fazer o concurso “A Voz de Pocinhos” instalava os equipamentos de som no Pocinhos Clube para que o concurso fosse realizado com sucesso.

#### **2.4- Miss Pocinhos: glamour e brilho na escolha da “mais bela” pocinhense.**

Influenciado pelos concursos de Miss Brasil que oficialmente aconteciam no país desde 1954, foi criado o concurso de Miss Pocinhos com a finalidade de escolher a moça “mais” bonita da cidade. O concurso era realizado no Pocinhos Clube e por ser um evento que exigia uma locução formal, convocava-se o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, na pessoa da senhora Maria das Neves, para que a mesma conduzisse a cerimônia, enquanto isto o senhor Hermes controlava os equipamentos de som para que desse tudo certo durante a escolha da Miss Pocinhos. O concurso durou entre as décadas de 1960 e 1980, não sabendo-se precisar o ano que começou e quando foi escolhida a última Miss.

O concurso em Pocinhos seguia alguns critérios parecidos com os adotados na escolha da Miss Pocinhos como: Beleza, postura, simpatia, elegância. E no caso de Pocinhos, condição social, já que os jurados moravam na cidade e certamente poderiam ser influenciados a votarem em meninas que fossem de famílias que possuíssem algum recurso financeiro, como por exemplo, filhas de comerciantes da cidade.

Para a eleição da Miss Pocinhos convocava-se jovens pela “A Voz de Pocinhos” que morassem nos bairros da cidade ou que fossem representantes de algo na cidade. Na foto abaixo vemos a escolha de uma Miss Pocinhos e da Miss-mirim, ao lado uma candidata com uma faixa onde se ler: Náutico. Este era o nome de um clube de futebol na cidade, e certamente esta era uma representante do time.

---

<sup>102</sup>As “Amigas do Lar” foi uma associação de senhoras da cidade de Pocinhos, que foi formada com a finalidade de fazer obras de caridade na cidade.



**Imagem 8 – (Acervo Blog Retalhos Históricos de Pocinhos) Concurso da Miss Pocinhos 1967**

Ser escolhida como Miss Pocinhos era algo muito importante para estas jovens, que preparavam o melhor vestido para o dia do concurso. Ser Miss Pocinhos era uma forma de conquistar um status na cidade. Não havia premiação alguma, ganhava-se uma faixa e uma coroa que a Miss anterior passava para a vencedora do concurso. Na imagem anterior verifica-se que para a Miss Pocinhos era destinada uma cadeira ornamentada para que esta pudesse posar para aqueles que a elegeram.

O momento era especial, escolhiam-se as melhores roupas para o dia do concurso, como nos disse a senhora Maria das Neves: “A gente guardava aquelas melhores roupas, para ir todo mundo bonito para o Pocinhos Clube, havia até aposta de quem iria ganhar como Miss Pocinhos... era muito bom”<sup>103</sup>

---

<sup>103</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 21/09/2011.



**Imagem 9- (Acervo da senhora Adriana Souto da Silva) Miss Pocinhos 1970, esta moça que faz seu discurso como Miss, chamava-se Conceição Melo.**

Nesta fotografia percebemos que a Miss Pocinhos escolhida no ano de 1970, deveria estar fazendo o seu discurso de agradecimento, logo após ter recebido o título, e ao seu lado está a senhora Maria das Neves, que fazia a locução do desfile, mostrando com isto que o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” estava presente neste evento.

O serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” por meio da sua programação e dos eventos que participou e organizou na cidade de Pocinhos, ofereceu a população momentos de lazer, divertimento e sociabilidade. Por meio deste, os pocinhenses puderam estar em contato, mesmo que de forma resumida ao que era produzido em termos musicais e do que era considerado como novo e que estava na “moda” em outros espaços urbanos.



**Imagem 10 – (Acervo da autora) Dona Maria das Neves no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” – 2013**

Quantas lembranças escondem este Serviço... Quem poderia imaginar que de um espaço físico tão pequeno pudesse surgir tanta criatividade? “A Voz de Pocinhos” ofereceu aqueles que nasceram e cresceram na cidade, momentos que nunca mais serão esquecidos sejam pelas canções, recadinhos do coração ou pelos eventos que movimentaram a então cidade de Pocinhos. Assim, mais que comunicação, este Serviço trouxe para a população pocinhense cultura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É final da década de 1980, “A Voz de Pocinhos”, encerra a sua programação musical, já não há mais leilões de aves e nem mais a Festa (social) da Padroeira de Pocinhos, já não existe mais o concurso da Miss Pocinhos ou os bailes de carnaval que agitavam o Pocinhos Clube. Muita coisa deixou de existir! Chegou a hora de guardar na memória os passeios na praça ao som da jovem guarda e desfazer o figurino que seria usado no Palco do Povo nas apresentações durante o mês de junho.

Durante este estudo, podemos acompanhar estes momentos que foram citados anteriormente, como sendo momentos de sociabilidade e divertimento para os moradores da cidade de Pocinhos e que foram propiciados pela existência do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, que não se deteve só a propiciar tais espaços, foi também um canal de informações para aqueles que não tinham um aparelho de rádio ou uma televisão em casa, e mesmo para aqueles que dispunham desses meios de comunicação, o Serviço de alto-falantes serviu para confirmar a notícia que já se pudesse ter conhecimento.

A história do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” está intimamente ligada à história da cidade de Pocinhos. Sendo praticamente impossível falar da história de uma sem ter que falar da outra. Neste trabalho, analisamos a programação informativa e musical do Serviço e entre esses programas, na cidade aconteciam alguns eventos que surgiram por iniciativa deste Serviço ou que contaram com a participação deste meio de comunicação.

Este estudo, por sua vez, nos ofereceu a oportunidade de colocar em prática muitos dos ensinamentos que aprendemos ao longo do curso de História. Mas também nos concedeu a oportunidade de aprender muito com os nossos entrevistados, que no decorrer da pesquisa nos expuseram suas memórias, práticas e sentimentos, contribuindo não só para enriquecer a realização deste trabalho como também gerando por meio deste, laços de carinho, amizade e respeito.

A escolha pelo o recorte de 40 anos foi realizado porque foi até o final da década de 1980, que precisamente o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” esteve mais ativo junto à população, sendo ainda utilizada como principal meio de comunicação na cidade. Após esta década, no caso a partir da década de 1990, o Serviço continuou a existir, como permanece até os dias atuais, mas com o avanço dos chamados “carros de

som” e dos meios de comunicação, a utilização do Serviço pela população conheceu uma nova conjuntura, bem diferente da que foi discutida em nosso trabalho.

Entretanto, mesmo com todas as dificuldades que o senhor Hermes e a senhora Maria das Neves enfrentaram para que o Serviço “sobrevivesse” frente ao surgimento de tantas outras formas de comunicação o Serviço de alto-falantes passou dos seus 60 anos de existência. O Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” por toda contribuição e por todo legado cultural e social, deve ser considerado um patrimônio cultural para a cidade de Pocinhos.

Por estas questões o nosso estudo, pode ser considerado um estudo importante, por não ser mais tão fácil encontrar formas de comunicações como esta, nas cidades. Este trabalho, tornando-se, por sua vez, uma fonte para que as gerações futuras possam saber algo mais sobre este meio de comunicação. Dessa forma, buscamos também estar contribuindo para a construção da história local.

Entretanto, ao chegarmos ao final desta caminhada entendemos que de modo algum este trabalho, encerra as possibilidades de estudo sobre este objeto, existem ainda diversas abordagens que podem ser estudadas e que não foram contempladas por este estudo. Portanto, a pesquisa não está sendo encerrada, pelo contrário, entendemos que há muito ainda a ser descoberto sobre este Serviço de alto-falantes. Mas a respeito disso deixamos a outros historiadores que conforme as suas escolhas irão produzir a sua escrita, já que a escrita da história resulta do tempo e do espaço abordados pelo mesmo e nunca com conclusões definitivas ou totalizadoras.

## FONTES

### 1- Fontes Orais:

Entrevista: Antônio Fernandes Andrade, entrevista concedida à autora no dia 26/08/2011.

Entrevista: Gildete Jacinto Silva, entrevista concedida à autora no dia 10/04/2013.

Entrevista: Gilvan José da Silva, entrevista concedida à autora no dia 09/08/2011.

Entrevista: João Antônio Alexandrino, entrevista concedida à autora no dia 01/09/2011.

Entrevista: João Evangelista Guimarães, entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

Entrevista: Maria Aparecida Tavares, entrevista concedida à autora no dia 20/02/2013.

Entrevista: Maria das Neves Albuquerque Rocha, entrevista concedida à autora no dia 21/09/2011.

Entrevista: Maria Marlene Chaves Silva, entrevista concedida à autora no dia 13/09/2011 e 01/03/2013.

Entrevista: Plínio Victor, entrevista concedida à autora no dia 22/03/2013.

Entrevista da TV Correio no dia 05/08/2011, para o programa Correio Espetacular em reportagem sobre os 60 anos de fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos.”<sup>104</sup>

---

<sup>104</sup>E foi utilizada neste trabalho como uma “Evidência Oral”, isto é, esta entrevista diferente das demais não foi produzida com a finalidade de ser uma fonte oral, para este trabalho, mas que por corresponder ao nosso objeto de estudo, nós utilizamos algumas passagens (falas) em nosso trabalho.

## **2- Fontes Visuais:**

Nas fotografias que utilizamos neste trabalho, no decorrer dos capítulos, são encontradas legendas nas quais acompanham cada imagem. Dessa forma pode-se identificar onde foi encontrada a mesma.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRIGGS, Asa, PETER, Burke. **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias; Revisão de Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer/** Michel de Certeau; 18. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos/** Sônia Maria de Freitas. 2º ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva/** Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOBSBAWN & RANGER, Eric; Terence. **A Invenção das Tradições**, Tradução de Celina Cardim Cavalcanti-Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e hoje**. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1976.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada/** Antonio Torres Montenegro. – São Paulo: Contexto, 1992.

NOVAIS, Fernando A. SEVCENKO, Nicolau (orgs). **História da Vida Privada no Brasil: da Belle Époque à era do Rádio**. VOL.3 – Companhia das Letras, São Paulo; 1998.

PINSKY. Carla Bassanezi, (org.) **Fontes Históricas**. 2ª ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA. Antônio Clarindo Barbosa. **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande/** Antônio Clarindo Barbosa Souza, Flavianny Guimarães e Goretti Maria Sampaio de Freitas. - EDUFCG/EDUEP; Campina Grande, 2006. 175p.

**MONOGRAFIA:**

RODRIGUES, Elayne Oliveira. **Da Tradição à Modernidade: O São João de Pocinhos- PB. (1958-2011)**. 2011. 101p. Monografia. (Unidade Acadêmica de História e Geografia) Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil.